

OS ARQUIVOS PERDIDOS

A BUSCA POR SAM



PITTACUS LORE

AUTOR DO BEST-SELLER EU SOU O NÚMERO QUATRO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Net](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



PITTACUS LORE

OS ARQUIVOS PERDIDOS:
A BUSCA POR SAM

OS LEGADOS  DE LORIEN

TRADUÇÃO DE MARIANA SERPA VOLLMER





CAPÍTULO

UM

Não sei se consigo.

Estou muito fraco para falar, então não falo. Apenas penso. Mas Um consegue me escutar. Ela sempre consegue.

— Você *precisa* — ela diz. — Precisa acordar. Precisa lutar.

Estou caído no fundo de uma ravina, com as pernas retorcidas sob o corpo e um pedregulho pressionando minhas omoplatas de maneira desconfortável. Sinto um líquido escorrer pelas coxas. Não vejo nada, pois meus olhos estão fechados, e não os abro porque não tenho forças.

Entretanto, para ser honesto, não quero abri-los. Quero desistir, esquecer tudo.

Abrir os olhos significa enfrentar a realidade.

Significa aceitar que fui atirado do alto de uma ribanceira. Que o líquido que escorre entre minhas pernas não é de um rio. É sangue de uma fratura exposta na minha perna direita, do osso que agora se projeta da minha canela.

Significa saber que fui abandonado por meu próprio pai para morrer, a mais de dez mil quilômetros de casa. Que Ivanick, o mais próximo que tenho de um irmão, foi quem quase me matou, ao me empurrar brutalmente pela margem íngreme da ravina.

Significa encarar o fato de que sou um mogadoriano, integrante de uma raça alienígena determinada a exterminar o povo de Lorien e posteriormente dominar a Terra.

Fecho os olhos com mais força, em uma tentativa desesperada de me esconder da verdade.

Com os olhos ainda fechados, me transporto para um lugar bem melhor: uma praia na Califórnia, onde afundo os pés descalços na areia. Um está sentada ao meu lado e olha para mim, sorrindo. Essa é a lembrança que ela guarda da Califórnia, um lugar onde nunca estive. Mas dividimos tantas memórias durante os três anos em que fiquei inconsciente, que parece que essas lembranças são tão minhas quanto dela.

— Eu poderia ficar aqui o dia inteiro — digo, sentindo o sol aquecer minha pele.

Ela olha para mim com um sorriso doce, como se concordasse. Porém, quando abre a boca, as palavras não combinam com a sua expressão: são duras, ríspidas, autoritárias.

— Você não pode ficar aí — diz. — Precisa se levantar. *Agora.*

Abro os olhos. Estou no acampamento, deitado na minha cama no dormitório dos voluntários. Um está parada ao pé da cama.

Ela sorri como no sonho, mas agora não é um sorriso doce. É um sorrisinho de provocação.

— Meu Deus — ela diz, revirando os olhos. — Você dorme demais.

Eu rio e me sento na cama. Ultimamente tenho dormido muito mesmo. Já faz sete semanas que saí da ravina e, exceto pela fraqueza que ainda sinto na perna direita, estou totalmente recuperado. No entanto, meu sono não está muito bem regulado: continuo dormindo dez horas por noite.

Olho ao redor da cabana e vejo que todas as outras camas estão vazias. Meus companheiros da assistência humanitária já começaram as tarefas matinais. Eu me levanto, mancando um pouco da perna direita. Um ri mais uma vez da minha falta de jeito.

Ignorando-a, calço meus chinelos, coloco uma camiseta qualquer e saio da cabana.

Do lado de fora, o sol e a umidade me atingem como um soco. Ainda estou sonolento e suado. Daria tudo por um banho, mas Marco e os outros voluntários já estão a todo vapor nas tarefas matinais. Perdi minha chance.

A primeira hora do dia no acampamento é dedicada ao trabalho doméstico: preparar o café da manhã e lavar as roupas e a louça. Logo depois, um jipe levará alguns de nós para o interior do vilarejo, onde estamos trabalhando em um projeto de modernização do antigo poço da cidade. O restante vai até uma sala próxima ao acampamento para dar aulas às crianças do vilarejo. Tenho tentando aprender a falar suaíli, mas ainda tenho um longo caminho pela frente antes de conseguir ensinar.

Dou o máximo de mim no acampamento. Fico muito feliz em ajudar a população local. Mas, na verdade, o principal motivo pelo qual trabalho tanto é a gratidão.

Depois de sair da ravina e me arrastar todo machucado pela floresta por quase meio quilômetro, fui encontrado por uma velha aldeã. Ela me confundiu com um assistente humanitário, o disfarce que eu estava usando enquanto procurava por Hannu, o Número Três. A senhora foi até o acampamento e, uma hora depois, voltou com Marco e um médico visitante. Fui levado de volta ao acampamento em uma maca improvisada; o médico colocou o osso no lugar, suturou o ferimento e imobilizou a perna com gesso, que só pude tirar recentemente.

Marco permitiu que eu ficasse por aqui, primeiro para me recuperar e agora como voluntário, sem fazer perguntas. Tudo o que espera em troca é que eu cumpra minhas tarefas e trabalhe tanto quanto os outros.

Não faço a menor ideia de qual foi a história que Marco inventou para si mesmo para justificar o meu estado, mas ele deve imaginar corretamente que Ivan foi o grande responsável por isso, a julgar pelo seu sumiço do

acampamento, no dia do meu acidente, sem dar nenhuma explicação. Talvez a generosidade de Marco tenha sido motivada por pena. Ele pode não ter certeza do que aconteceu, mas sabe que fui abandonado pela minha família. E, como ele está mais ou menos certo, não me incomoda que sinta pena de mim.

Aliás, sabe qual é a coisa mais estranha em ter sido abandonado pela minha família e por toda a minha raça?

Nunca fui tão feliz.



Restaurar o poço da aldeia é uma tarefa cansativa e tediosa, mas levo vantagem sobre os outros trabalhadores. Tenho Um. Converso com ela durante o trabalho, e embora sinta os músculos inchados e as costas doloridas, as horas voam.

Em geral, ela me instiga com provocações. “Você está fazendo tudo errado.” “Chama *isso* de cimentar?” “Se eu tivesse um corpo, já teria terminado essa tarefa.” Um zomba do meu esforço, recostada como uma moça tomando banho de sol bem no meio do local da obra.

Quer trocar?, vocifero mentalmente.

— Não posso — responde. — Não quero quebrar a unha.

É claro que preciso tomar cuidado para não *falar* em voz alta com ela enquanto estou trabalhando, pelo menos não na frente dos outros. Nas minhas primeiras semanas aqui, ganhei fama de esquisito por falar sozinho. Então aprendi a silenciar minha conversa com Um e somente *pensar*, em vez de falar. Felizmente, minha reputação mudou, e os outros não me olham mais como se eu fosse um maluco.



Nesta noite, trabalho na cozinha com Elswit, um rapaz recém-chegado ao acampamento. Cozinhamos *githeri*, um prato simples preparado com milho e feijão. Elswit descasca e raspa as espigas de milho, enquanto eu lavo e ponho os feijões de molho.

Gosto de Elswit. Ele pergunta muito sobre as minhas origens e o que me trouxe até aqui. Sei muito bem que não devo contar a verdade. Felizmente, ele parece não se importar com as respostas vagas que dou, ou quando não respondo. O garoto gosta de falar, sempre disparando a próxima pergunta sem perceber o meu silêncio, sempre tagarelado sobre a própria vida em vez de esperar que eu fale sobre a minha. Pelo que pude entender, seu pai é um banqueiro americano muito rico, alguém que não aprova os interesses humanitários do filho.

Já era muito difícil corresponder às expectativas do meu pai quando era criança, mas, depois da experiência dentro da mente de Um, tornou-se

impossível. Fiquei mais tolerante e compassivo e adquiri interesses que sabia que meu pai nunca aceitaria, muito menos entenderia. Elswit e eu temos algo em comum. Ambos somos decepções para os nossos pais.

Entretanto, logo percebi que as semelhanças entre nós não eram tantas. Apesar das supostas “desavenças” familiares, Elswit ainda mantém contato com os pais endinheirados e ainda tem acesso irrestrito à fortuna. Inclusive, o pai dele até providenciou um avião particular para apanhá-lo em Nairóbi daqui a algumas semanas e levá-lo para comemorar o aniversário em casa. Enquanto isso, meu pai pensa que estou morto, e só consigo imaginar que ele está muito feliz com isso.

Depois do jantar, tomo um merecido banho e pulo na cama. Um está encolhida em uma cadeira de vime no canto do dormitório.

— Já vai dormir? — provoca.

Dou uma olhada ao redor. Não há ninguém, então posso falar em um tom de voz normal, desde que não muito alto. Falar é mais natural do que conversar por pensamento.

— De agora em diante, quero acordar com os outros.

Um me lança um olhar.

— O que foi? — pergunto. — Já tirei o gesso, quase não manco mais... Estou recuperado. Está na hora de começar a ser um deles.

Um franze a testa e puxa a camiseta. É claro que sei o que a está incomodando.

O povo dela está por aí, condenado à extinção pela minha raça. E ela está aqui, presa no Quênia. Pior, presa dentro da minha consciência, desencarnada, sem vontade própria ou condição de agir sozinha. Se pudesse escolher, sei que estaria em outro lugar — em *qualquer* outro lugar —, engajada na batalha.

— Quanto tempo vamos ficar aqui? — ela pergunta, com um tom sombrio.

Eu me faço de bobo, fingindo que não sei como ela se sente, e dou de ombros enquanto puxo o cobertor e me viro para o lado.

— Não tenho para onde ir.



Estou sonhando.

É a noite em que tentei salvar Hannu. Estou correndo do acampamento para a selva, em direção à cabana dele, desesperado para chegar lá antes de Ivan e meu pai. Sei como a história termina — Hannu é morto, e sou largado à beira da morte —, mas, neste sonho, todo o desespero ingênuo daquela noite retorna e me impulsiona pelo matagal, em meio às sombras e aos sons dos animais.

O rádio-comunicador que sarrupiei da cabana e que está preso na minha cintura solta um estalido, como um mau agouro. Sei que outros mogadorianos estão se aproximando.

Preciso chegar antes. *Preciso.*

Alcanço uma clareira no meio da floresta. A cabana onde Hannu e seu Cêpan moravam continua exatamente onde eu me lembrava. Meus olhos se esforçam para ajustarem-se à escuridão.

Então, noto a diferença.

A cabana e a própria clareira estão tomadas pela vegetação. Metade da fachada foi destruída, e o teto cedeu por cima da parede tombada. A pista de obstáculos no canto do terreno, onde Hannu devia treinar, está tão coberta pelas folhagens que mal dá para reconhecê-la.

— Sinto muito. — Ouço uma voz vinda da floresta.

Com um sobressalto, eu me viro.

— Quem está aí?

Um surge em meio às árvores.

— Sente muito pelo quê? — Estou confuso, ofegante. E com os pés doloridos de tanto correr.

É aí que percebo.

— Não estou sonhando — digo.

— Não — Um responde balançando a cabeça.

— Você tomou posse. — As palavras escapam dos meus lábios antes que eu sequer compreenda o que estou dizendo. Mas, pela expressão de Um, vejo que estou certo: ela dominou minha consciência enquanto eu dormia e me trouxe até o local da morte de Hannu. Um nunca havia feito isso. Eu nem tinha ideia de que ela *podia* fazer algo assim. Porém, a essa altura, seu ser já está tão intimamente ligado ao meu que não deveria me surpreender. — Você me sequestrou.

— Sinto muito, Adam — ela diz —, mas eu precisava que viesse até aqui, para que se lembrasse...

— Bom, não funcionou! — Estou confuso e com raiva por Um manipular minha vontade.

Contudo, assim que pronuncio essas palavras, percebo que é mentira. Funcionou, *sim*.

Minha adrenalina aumenta, meu coração acelera, e eu posso sentir as consequências avassaladoras do que tentei fazer meses atrás e falhei. A ameaça que meu povo ainda representa à Garde e ao resto do mundo.

É preciso impedi-los.

Eu me viro, para que Um não perceba a expressão de dúvida no meu rosto.

Mas dividimos a mesma consciência. Não há como esconder nada dela.

— Sei que também sente — ela diz.

Um está certa, mas afasto a sensação incômoda de que estou ignorando minha missão aqui no Quênia. Bem quando tudo começava a melhorar. Eu gosto da minha vida aqui, gosto de ser útil, e até o momento em que Um me arrastou para esfregar meu nariz no local onde Hannu foi morto, era mais fácil esquecer

da guerra que se aproxima.

Balanço a cabeça.

— Estou fazendo coisas boas, Um. Estou ajudando as pessoas.

— Pois é — ela concorda. — E que tal fazer coisas *grandiosas*? Você poderia ajudar a Garde a salvar o planeta! Além do mais, acha mesmo que os mogadorianos vão poupar este lugar quando puserem o grande plano em prática? Você não percebe que qualquer trabalho que faça aqui no vilarejo será completamente inútil a menos que se junte à luta para deter seu povo?

Ao perceber que suas palavras estão mexendo comigo, ela se aproxima de mim.

— Adam, você pode fazer muito mais.

— Eu não sou um herói! — grito, a voz falhando. — Sou um fraco. Um desertor!

— Adam — ela implora, com a voz falhando também —, sabe que gosto de provocá-lo e ia odiar vê-lo se achando o máximo ou coisa assim. Mas você é um em um milhão. Um em *dez* milhões. Você é o único mogadoriano que ousou contestar as autoridades do seu povo. Não faz ideia do quão especial é e do quanto pode ser útil à causa!

Tudo o que sempre quis foi que Um me considerasse especial, um herói. Queria poder acreditar nela. Mas sei que está errada.

— Não — retruco. — A única coisa especial em mim é você. Se o Dr. Anu não tivesse me conectado ao seu cérebro, e eu não tivesse vivido três anos dentro de suas lembranças... teria sido eu o assassino de Hannu. E provavelmente teria orgulho disso.

Vejo que Um hesita.

Que bom, penso. Estou conseguindo convencê-la.

— Você era da Garde. Tinha poderes — continuo. — Eu sou só um ex-mogadoriano franzino e sem poder algum. O máximo que posso fazer é sobreviver. Sinto muito.

Eu me viro e começo a longa caminhada de volta ao acampamento.

Um não me segue.

CAPÍTULO

DOIS

Apesar da minha exaustiva corrida até a cabana de Hannu no meio da noite, consigo acordar junto com os outros voluntários pela manhã.

— Olhe só você, acordando cedo — Elswit brinca. — Tem certeza de que vai interromper o sono de beleza?

Quase revido à provocação chamando Elswit de “príncipe”, como nossos colegas fazem às vezes. Ele ganhou o apelido quando chegou aqui com um monte de objetos caros e supérfluos, dos quais o mais ridículo era um luxuoso pijama de seda brilhosa. Apesar disso, ninguém zomba de Elswit na sua frente: ele também trouxe um laptop de última geração com conexão à Internet sem fio para qualquer lugar do mundo, que compartilha com todos nós, e ninguém quer arriscar perder o direito de usá-lo.

Enquanto me arrumo, percebo que Um não está por perto. Em geral, ela acorda antes de mim e fica por aí. Imagino que esteja aborrecida por causa da briga na floresta.

É isso ou ela simplesmente desapareceu por um tempo. Às vezes, ela faz essas coisas. Certo dia, resolvi perguntar. “Aonde você vai quando não está por aqui?” Ela me lançou um olhar enigmático. “A lugar nenhum” foi tudo o que disse.

Quando saímos do dormitório para começar as tarefas, uma chuva leve começa a cair. O que é bom para a cidade, mas significa que o projeto do poço será adiado por hoje: quando chove, fica muito difícil escavar o solo. Então, após nossas tarefas, Marco, Elswit e eu estaremos livres para ficar de bobeira, para ler ou escrever cartas.

Peço a Elswit para usar seu computador por uma hora, e ele prontamente responde que sim. O cara pode ser um príncipe mimadinho, mas é um sujeito generoso.

Levo o laptop para a cabana e começo a vasculhar sites de notícias. Sempre que uso o computador de Elswit, pesquiso possíveis movimentações de lorienos ou mogadorianos. Posso ter desertado, mas ainda fico curioso sobre o destino da Garde.

É um dia de poucas notícias. Olho ao meu redor novamente para me certificar que estou sozinho e, em seguida, abro um programa que desenvolvi e instalei no computador de Elswit. Invadi as redes sem fio de Ashwood Estates, meu antigo lar, e criei uma pasta de sombra que armazena os bate-papos e as mensagens instantâneas de Ashwood.

Gostaria de poder dizer que minhas intenções são heroicas. Mas na realidade meu motivo é tão patético que preferiria morrer a ter que explicá-lo a Um: só

quero descobrir se a minha família sente saudade de mim.

Minha família. Eles pensam que estou morto. A verdade é que talvez estejam felizes por isso.

Passei a maior parte da minha vida na Terra em um condomínio fechado em West Virginia chamado Ashwood Estates, onde mogadorianos naturais vivem em casas de subúrbios normais, usam roupas americanas normais, têm nomes americanos normais e se escondem bem debaixo do nariz de todos. Entretanto, sob as bancadas de granito, dentro dos closets e sob os pisos de mármore artificial se estende, invisível aos mortais terráqueos, uma gigantesca rede de laboratórios e centros de treinamento, onde mogadorianos naturais e nascidos artificialmente trabalham e conspiram em prol da destruição e dominação de todo o universo.

Como filho do lendário guerreiro mogadoriano Andrakkus Sutekh, o esperado era que eu me tornasse um soldado leal nessa guerra sombria. Fui convocado como cobaia de um experimento para extrair as memórias da primeira loriena morta, a garota conhecida como Um. O plano era usar as informações obtidas através dessas memórias contra os lorienos, para nos ajudar a localizar e exterminar toda a sua espécie.

O experimento de transferência mnêmica foi muito bem-sucedido: passei três anos em coma, preso nas memórias da loriena morta, vivendo todos os seus momentos mais felizes e mais dolorosos como se fossem meus.

Enfim despertei do coma. Mas retornei mudado à vida mogadoriana, com uma aversão permanente à carnificina e uma nauseante, porém intensa, solidariedade pelos lorienos perseguidos, além da companhia constante do fantasma de Um.

No meu primeiro ato de traição, menti para o meu povo ao declarar que o experimento havia falhado e que não me lembrava de nada do contato com a consciência de Um. Tentei mudar, voltar a ser um mogadoriano normal e sanguinário. Mas a presença constante de Um, fosse como uma voz dentro da minha cabeça ou uma visão ao meu lado, tornava impossível que ajudasse meu povo a atacar os lorienos.

Como se levado por uma força implacável, tornei-me um traidor trabalhando contra o meu próprio povo. Tentei salvar o terceiro lorieno marcado para morrer.

E ele morreu mesmo assim, bem diante dos meus olhos, assassinado pelo meu pai, que estava exultante. Apesar dos meus esforços patéticos, falhei em salvá-lo. Exposto como um traidor, fui jogado por Ivanick do alto de uma ravina e dado como morto.



Em todas as minhas bisbilhotices eletrônicas, jamais consegui captar qualquer

mensagem da minha família. Talvez seja um bom sinal. Algo me diz que a comunicação deles me deixaria magoado.

Obviamente, toda a comunicação oficial das instalações mogadorianas subterrâneas é protegida por uma tecnologia que vai muito além das minhas habilidades como hacker, mas não foi difícil invadir os sinais de Ashwood Estates. A falha no sistema de proteção dos mogadorianos é a presunção de obediência total. Por experiência própria, sei que os adolescentes de Mogadore costumam ignorar as regras impostas pelos seus pais e usam a rede sem fio da superfície para participar de conversas que são, em tese, proibidas.

Não que eles sejam *tão* linguarudos. O *cache* que criei é basicamente composto por e-mails tediosos e conversas que não têm nada a ver com os segredos mogadorianos. Mas, da última vez que entrei, consegui decodificar as mensagens de bate-papo de Arsis, um mogadoriano natural e especialmente fofoqueiro. Ao que parece, ele foi rebaixado do treinamento de combate para trabalhar como assistente técnico no laboratório. Arsis está tão ansioso por informações a respeito das operações de combate que só sabe se queixar e tagarelar com um colega da antiga unidade sobre tudo o que vê e faz no laboratório, na esperança de que o amigo faça o mesmo.

Até agora o colega tem ficado calado, mas consegui um bocado de informações sobre o que está acontecendo nos subterrâneos de Ashwood.

Arsis: Eh mtooo chato. Outro dia inteirino vigiando a porta do laboratorio do Dr. Zakos. Parece q conectaram humanos nas maquinas. Naum sei se estão sendo torturados ou o q, pq nem posso entrar...

Qualquer compaixão que pudesse ter por Arsis é destruída por sua ortografia e gramática desastrosas. Ele consegue ser pior que Ivan. Jamais pensei que isso fosse possível.

Mais adiante, descubro outro detalhe.

Arsis: ... so resta um, e acho que ele nem ta acordado, só conectado nas maquinas q sugam o cerebro dele pra pegar informacoes. O Dr. Zakos acha q a tecnologia vai mehlorar nos proximos anos e q eles vao conseguir tirar informações decentes dos cérebros deles. Naum sei. Jah passou uma semana intera e tudo q tenho q fazer eh limpar os equipamentos do laboratorio.

Nunca nem ouvi falar do Dr. Zakos. Será que é o sucessor do Dr. Anu? Será que existe alguma ligação entre essa operação para “sugar” os cérebros dos humanos prisioneiros e a tecnologia que usaram para me conectar às memórias

de Um? Será que...?

— O que você está fazendo?

Assustado, percebo que Um está encolhida ao meu lado na cama, com um sorriso igual ao do gato da Alice no País das Maravilhas. Da forma mais displicente possível, saio do programa e fecho o laptop.

O sorriso dá lugar a uma cara emburrada.

— Temos segredos agora, é? — ela pergunta.

— Nós dividimos um cérebro — respondo. — Mesmo que quisesse, não conseguiria esconder nada de você.

Um fica quieta por um instante, sem dúvida processando tudo o que acabei de descobrir na minha espionagem.

— Responda uma coisa — pede.

Levanto as mãos. Pode mandar.

— Se você está tão determinado a não se envolver, por que se dá ao trabalho de investigar tanto?

É uma boa pergunta, mas desconverso.

— Só porque estou curioso não significa que posso fazer algo. — Pego o computador e me levanto da cama. — Preciso devolver isso a Elswik.

Paro diante da porta. Um mantém um olhar pensativo e enigmático. A única coisa que sou capaz de decifrar é sua constante decepção em relação a mim.

— Desculpe, Um — digo, virando-me para sair. — Minha resposta ainda é não.

CAPÍTULO

TRÊS

No meio da noite, a chuva finalmente para, então, na manhã seguinte, depois das tarefas, Marco, Elswit e eu vamos de jipe até o vilarejo e retomamos o trabalho no poço. Está tudo enlameado, e isso torna o nosso serviço mais lento e difícil. Em função disso, fico tão envolvido com a tarefa que só noto a ausência de Um na metade do dia.

Não tenho nossa conversa de sempre para ajudar a passar o restante do dia, mas de certa forma fico aliviado por ela não estar por perto. Seu olhar de decepção ainda me assombra, e acho que um tempo sem ser julgado por ela vai me fazer bem.

Depois do serviço, Elswit e eu preparamos purê de inhame para o jantar; e então vamos jogar cartas com outros voluntários na tenda de recreação. Por volta das dez horas, volto para a cabana. Marco já está debaixo das cobertas, dormindo. Troco de roupa sem fazer barulho e deito, ciente da ausência de Um. Não é de seu feitio desaparecer por tanto tempo.

Examino o quarto para ver se ela está enfiada em algum canto, escondida, mas não a vejo em lugar algum.

— Um? — sussurro, o mais baixo possível. — Você está aí?

Ninguém responde.

— Vamos lá, Um — continuo, um pouco mais alto dessa vez.

— *Cara* — Marco diz —, estou tentando dormir.

Ouvir Marco dizer “cara” com seu hilariante sotaque italiano é um dos pontos altos da minha estada no acampamento. Mas ser pego conversando com minha amiga invisível me deixa mortificado.

— Desculpe, cara — falo, envergonhado e irritado com Um por me fazer falar alto.

Ainda espero vê-la aparecendo em uma porta ou de dentro de um armário a qualquer momento, rindo da minha cara por ter sido apanhado falando “sozinho”.

Mas ela não estava em lugar algum.

Tento dormir e fico me revirando na cama enquanto os outros voluntários vão, um a um, ocupando o dormitório. Mas o sono não vem.

Entre todas as idas e vindas de Um, nunca fiquei um dia inteiro sem vê-la — não desde aqueles três anos que passei conectado às suas memórias. Ela simplesmente sempre esteve por perto.

Por fim, desisto de tentar dormir. Visto uma calça, calço os chinelos e me arrasto até os fundos do acampamento. Faz um frio inesperado, e cruzo os braços para me aquecer. Está escuro lá fora; a parca iluminação provém do luar e

da lâmpada embaçada perto do banheiro. Meus olhos levam alguns minutos para se acostumarem.

É quando a vejo, uma silhueta indistinta agachada ao lado do baobá no centro do pátio.

Eu me aproximo lentamente.

— Um?

Ela olha para mim. Não sei dizer se é uma ilusão causada pelo luar, mas há algo estranho em sua aparência: é como se estivesse luminescente e, ao mesmo tempo, muito escura.

Ela permanece em silêncio. Paro de me aproximar.

— Pare com isso, não tem graça — digo.

— Ah — ela retruca com uma risada amarga. — Concordo, não tem graça nenhuma. — Pela sua voz, percebo que andou chorando. — Não quero que me veja assim.

Agora estou assustado.

— Assim *como*?

Mais de perto compreendo o que ela quer dizer. Sua pele, todo o seu *ser*, está estranho e leitoso, quase translúcido. Posso enxergar através dela.

— Eu fico desaparecendo — explica. — Ultimamente, tenho usado todas as forças que tenho para me manter visível.

Fico quieto, com medo de falar. Mas também tenho medo de escutar, medo do que ela vai dizer em seguida.

Um se vira para mim e fita meus olhos.

— Lembra quando falei que não ia a “lugar nenhum” quando me afastava de você? — pergunta.

— Lembro — respondo. — Pensei que só estava querendo bancar a misteriosa...

Ela balança a cabeça, os olhos cheios de lágrimas.

— Na verdade, eu estava sendo literal. Vou mesmo a lugar nenhum. Desapareço completamente. — Agora, ela está chorando descontroladamente. — Cada vez me sinto mais e mais fraca. Menos *real*. E está mais frequente. Ainda tenho forças para lutar, mas está cada vez pior. Parece que estou morrendo de novo.

Ela fecha os olhos, e conforme faz isso, sua visibilidade oscila. Consigo ver alternadamente o tronco da árvore atrás dela.

— Bem — ela diz, abrindo os olhos —, o Dr. Anu nunca prometeu que isso duraria para sempre.

— Um, do que você está falando? — pergunto, ainda que uma parte de mim, que é Um, já saiba a resposta.

— A minha existência... Nós... Isso... — Ela aponta para o espaço vazio entre nós. — Você está me esquecendo, Adam.

— Isso é impossível, Um. Nunca vou esquecer você.

Ela sorri com tristeza.

— Sei que vai sempre *se lembrar* de mim — diz. — Não é disso que estou falando. Uma coisa é lembrar que existi, outra é continuar viva dentro de você.

Balanço a cabeça e me viro de costas sem entender, sem querer escutar.

— Já faz um tempo desde que fomos conectados no laboratório do Dr. Anu — ela continua. — Tempo demais, eu acho. Estou desaparecendo. A forma como somos, a maneira como conversamos, como você me vê, como me sinto viva mesmo tendo morrido há alguns anos. Talvez *esquecendo* não seja a palavra certa. Mas, seja lá como queira chamar, isso não foi feito para durar. Está chegando ao fim.

Ao perceber como estou abalado, ela dá de ombros, tentando parecer tranquila.

— Vamos ter que aceitar isso. Meu tempo está acabando.

— Não — retruco, me recusando a acreditar.

Mas, quando me viro novamente, ela já se foi.



Após uma noite agitada procurando por Um e, por fim, voltando para a cabana sozinho, me arrasto para fora da cama. Escovo os dentes, me visto e termino minhas tarefas matinais. Trabalho na cidade, sob o sol escaldante.

Que escolha tenho? Não é como se pudesse pedir uma folga a Marco. “Ei, Marco, uns meses atrás acordei de um coma de três anos durante o qual vivi dentro das memórias de uma extraterrestre morta, e desde então ela tem sido minha companheira inseparável. Mas agora ela está morrendo de vez... Será que dava para você me liberar do trabalho no poço hoje?” Não ia colar. Então, tomo coragem e continuo a trabalhar.

Hoje Um não está tão distante quanto ontem. Eu a vi rapidamente quando acordei, mas ela ficou afastada; ao retornar da cidade, vejo-a em um canto do acampamento, encostada na mesma árvore de ontem.

— Não — ela diz, conforme me aproximo. — Sem esse olhar de cachorrinho abandonado, por favor.

— Um... — começo a falar.

— Eu estou bem — retruca, me interrompendo. — Ontem foi só um dia ruim. Tenho certeza de que ainda me restam algumas semanas.

Estou sem palavras, inconsolável.

— Você tem que preparar o jantar — ela diz.

Eu me recuso. Jantar? Quem se importa com o jantar quando me resta tão pouco tempo com ela?

— Você tem que ir — Um continua. — Elswit está com uma cara esquisita vendo você conversar com uma árvore. — Ela ri e me expulsa. — Ande logo.

Eu me dirijo à cozinha. Enquanto fazemos o jantar, Elswit conta sobre suas

desventuras de riquinho, de antes de tomar vergonha na cara e se dedicar ao serviço voluntário. Normalmente me divirto com as histórias de Elswit, mas agora só consigo pensar em Um, sentada sob a árvore.

O acampamento, o vilarejo... esses têm sido os meus santuários nos últimos meses, e foi tão fácil imaginar um futuro feliz aqui. Mas quando olho para o outro lado do acampamento e vejo Um, encostada na árvore, exaurida, sua imagem indo e voltando, imagino o que este lugar deve ser para ela.

Enquanto seu povo está por aí, lutando para sobreviver, ela está presa aqui nos seus últimos momentos, simplesmente porque encontrei um lugar onde me sinto seguro.

Percebo que para ela isto aqui não é um lar. É uma sepultura.

CAPÍTULO

QUATRO

Eu me recosto na poltrona do avião e contemplo o passaporte que tenho em mãos enquanto o jatinho sobrevoa algum lugar do Atlântico. ADAM SUTTON. Na foto, estou radiante, com uma pequena lacuna escura no lugar do dente perdido durante o embate com Ivan. Olhando para o rosto sorridente de Adam Sutton, ninguém poderia imaginar o quanto estou assustado e o risco insano que estou correndo neste momento.

Elswit está sentado ao meu lado, com fones de ouvido, balançando a perna enquanto assiste no tablet a algum novo filme campeão de bilheteria que acabou de estreiar. O movimento repetitivo me irrita, mas não posso reclamar: ele me ajudou à beça.

Nem precisei inventar uma mentira muito grande para Elswit. Só contei que tinha um problema na família e que precisava retornar aos Estados Unidos. Ele disse que aquilo era tudo de que precisava saber: me levou até a embaixada norte-americana em Nairóbi, pagou pelo meu novo passaporte e arrumou um lugar para mim no jato particular do seu pai, que já estava agendado para levá-lo para passar seu aniversário em casa, no norte da Califórnia.

Se eu já não tivesse uma identidade americana válida, nada disso teria funcionado. Felizmente, meu pai, “Andrew Sutton”, não se deu ao trabalho de comunicar meu desaparecimento. Fico imaginando que tipo de alerta a renovação do meu passaporte pode ter acionado no quartel-general mogadoriano, mas suponho que não tenha importância. Quando aparecer em Ashwood States, ou vão me matar ou não. Saber que estou a caminho não faz tanta diferença.

Pela segunda vez, aterrissamos para abastecer, desta vez em Londres. Agora estamos voando novamente; a próxima parada será em West Virginia, onde vou me despedir de Elswit. De lá, uma corrida de táxi até Ashwood estará me separando do confronto iminente com a minha família.

Eu me afundo ainda mais na poltrona, temendo a chegada.

— Deve ser assustador. — Eu me viro e vejo Um no assento ao meu lado. Ela esteve ausente durante quase toda a viagem de vinte horas, imersa em seu purgatório particular. — Não consigo nem imaginar.

Pois é, digo. Não preciso falar mais nada: Um sabe o que estou pensando.

Estou prestes a reencontrar a minha família pela primeira vez em meses. Já espero ser recebido como um traidor. Talvez seja executado por esse motivo: morto na mesma hora ou jogado a um piken. Os mogadorianos não possuem um protocolo específico para lidar com traição; eles têm pouca, ou talvez nenhuma, experiência com dissidentes.

Sei que a minha única esperança será convencer o General de que sou mais

valioso vivo do que morto.

— Você não precisa fazer isso — Um diz, com uma expressão de culpa e preocupação no rosto. — É perigoso. Quando falei sobre abraçar a causa, não quis dizer isso...

Precisamos fazer isso, respondo. Pareço muito mais seguro do que de fato estou. Mas não tenho escolha: não posso perdê-la.

— Quando o avião aterrissar, não precisamos ir até Ashwood. Podemos ir a qualquer outro lugar, procurar os outros lorienos...

Que se danem os outros, digo. Embora meu plano seja vago, sei que a minha única esperança de salvar Um, de mantê-la ao meu lado, está em algum lugar nos laboratórios nos subterrâneos de Ashwood Estates. *Não estou fazendo isso por eles*.

— Eu sei — ela diz. — Você está fazendo isso para tentar me salvar, para encontrar uma maneira de me manter viva. Você pensa que, se voltar, *talvez* consiga entrar no laboratório. E *talvez* meu corpo ainda esteja lá, *talvez* possa realizar a transferência mnêmica de novo, me restaurar e me garantir mais alguns anos. — Ela morde o lábio, preocupada com o risco que estou correndo. — Parece ter “talvez” demais para você arriscar a sua vida por isso.

Ela está certa. Mas não tenho escolha: sem Um, não sou nada. Mesmo um por cento de chance de sucesso já vale o esforço.



No táxi a caminho de Ashwood Estates, o medo me atinge como um soco no estômago, causando ânsia de vômito. Estamos cada vez mais perto, talvez a dez minutos de distância.

Nove minutos. Oito minutos.

Sinto gosto de bile. Peço ao motorista que pare o carro no acostamento, corro até o mato na beira da estrada e vomito o pouco que comi desde que saí do Quênia.

Paro um minuto para respirar, para olhar para a grama e o campo do outro lado. Sei que é agora ou nunca: minha última chance de desistir.

Então, limpo a boca e volto para o táxi, grato por Um não estar por perto para me ver nesse estado.

— Tudo bem, garoto? — o motorista pergunta.

Aceno com a cabeça.

— Tudo bem.

O motorista apenas assente e volta para a estrada.

Seis minutos. Cinco minutos.

Chegamos à área residencial ao redor de Ashwood Estates. Cruzamentos repletos de lanchonetes dão lugar a bairros de classe média, e logo surgem os condomínios fechados e de alto nível, idênticos a Ashwood. O lugar perfeito

para se esconder.

Na superfície, é apenas um subúrbio: ninguém pode imaginar a estranha civilização que jaz no interior das chiques e insípidas mansões padronizadas e os planos de destruição planetária que são arquitetados nos túneis subterrâneos. Durante todos os anos em que vivi em Ashwood, jamais fomos alvo de qualquer suspeita por parte da polícia local ou do governo.

Quando os imponentes portões de Ashwood surgem na estrada, sinto uma satisfação sombria pela ironia que é uma fortaleza cercada levantar tão poucas suspeitas ao ser disfarçada de um subúrbio americano.

Peço ao motorista para me deixar do outro lado da rua e lhe entrego as últimas notas que Elswit fez a gentileza de me dar para que eu chegasse em casa.

Eu me aproximo do interfone do portão principal, satisfeito por ter vomitado no meio da estrada: se não tivesse feito naquela hora, faria agora.

Não há motivo para ser tímido. Chego bem perto da câmera de segurança, aperto a campainha da minha casa e olho direto para a câmera. Cada casa tem um sinal de transmissão direto. Serei identificado imediatamente.

— Adamus? — Minha mãe atende. Sua voz falha na segunda sílaba, e ao ouvi-la minhas pernas quase vacilam.

Sei que ela é um monstro. Que não deseja nada mais do que a destruição de toda a raça dos lorienos e a dominação deste planeta inteiro. Porém, o som da sua voz me atinge como um raio: senti falta dela. Mais do que imaginava.

— Mãe — respondo, lutando para manter a voz firme.

Mas o interfone fica mudo.

Provavelmente, ela disparou um alarme. Notificou o General. Dentro de minutos serei levado à tortura ou jogado na jaula de um piken...

— Adamus?!

É a voz dela novamente. Não está vindo do interfone.

Saio de perto do interfone e, pelo portão, vejo a minha mãe ao longe. Ela saiu correndo da nossa casa no alto da colina. Está usando um vestido de verão, do tipo que costuma usar quando cozinha, e vem descendo, descalça. Correndo na minha direção.

Furiosa? Confusa? Eu me preparo para o encontro.

— Adam! — grita, aproximando-se cada vez mais, os pés descalços batendo no asfalto.

Antes que me dê conta, ela abre o portão e me puxa para os seus braços, me abraçando e chorando.

— Meu menino, meu menino corajoso... você está vivo.

Estou chocado. Ela não me recebe com raiva. Ela me recebe com amor.

CAPÍTULO

CINCO

Estou sentado no sofá da nossa sala de estar, bebendo a limonada que minha mãe me trouxe. Ela não para de falar, e tomo cuidado para não interrompê-la: preciso agir com cautela e descobrir o que aconteceu aqui antes de me explicar.

— Não acreditei neles — ela conta, sentada ao meu lado e com a mão no meu joelho. — Não pude acreditar.

Tomo mais um gole, tentando ganhar tempo. *Não pôde acreditar no quê?*

— Eles me contaram tudo, e soube o que tinha acontecido, mas não acreditei... Sabia que você não podia estar morto.

Ah. Foi *nessa* parte que ela não acreditou.

— Sempre soube que o combate físico não era o seu forte. Falei mil vezes para o seu pai que uma função tática seria mais apropriada para você, mas ele estava determinado a não quebrar a tradição e insistiu que não fizéssemos distinção entre estratégia e combate. Todos devem lutar na guerra. Mas quando ele me contou que você estava morto, que aquele lorieno asqueroso o havia empurrado de um penhasco... senti como se os meus piores pesadelos tivessem se tornado realidade.

Fico zozzo. Foi meu irmão adotivo, Ivan, quem me jogou de uma ravina, sob o olhar aprovador do meu pai. Não fui morto por um lorieno: eu me juntei à causa deles.

— Eles me disseram que procuraram você por todos os cantos... — minha mãe diz.

Mentira. Eles me deixaram para morrer.

— ... que estavam tão desolados quanto eu...

Mais mentiras.

— Mas não encontraram seu corpo, e me enchi de esperança. No meu coração, sabia que, de algum jeito, você tinha conseguido sobreviver.

Ela me abraça novamente. Uso todas as minhas forças para receber o abraço sem trair toda a confusão que se passa dentro de mim. Esperava encontrar um pelotão de fuzilamento mogadoriano à minha espera, mas, em vez disso, retornei como um guerreiro abatido.

— Não. — É voz dele. Minha mãe e eu viramos ao mesmo tempo e vemos meu pai junto à porta, a boca aberta, em estado de choque.

— Ele voltou para nós! — minha mãe exclama. — Nosso menino está vivo!

Nunca, em toda a minha vida, vi o General sem palavras, mas aqui está ele, perplexo demais para falar.

Em um instante, compreendo tudo. Meu pai mentiu para a minha mãe. Ele mentiu para o resto dos mogadorianos. Não sei se para proteger sua imagem, ou

para preservar sua autoridade como general, ou ambos, mas fabricou uma morte honrosa para mim. Ninguém aqui exceto meu pai — e Ivan, onde quer que ele esteja — sabe que me virei contra a causa mogadoriana.

Tenho somente um segundo para agir, para interpretar o silêncio atordoado do meu pai e usar isso ao meu favor.

Pulo do sofá e o abraço.

— Estou vivo, pai. — Sinto seu corpo, com todos os seus quase dois metros de altura, se enrijecer de nojo, mas prossigo com meu joguinho. — Estou de volta.



Conto a eles a história do meu retorno a Ashwood. O despertar no fundo da ravina, o resgate pela aldeã, a recuperação no acampamento. Altero, de leve, a verdade, caracterizando os meus amigos humanos como idiotas, alegando que manipulei Elswit para que me ajudasse a voltar para casa e me descrevendo como o mogadoriano leal que não sou mais. Porém, essa versão é bem próxima da verdade. E sei que é exatamente o que eles precisam ouvir.

— Eu tinha que voltar para ver vocês — concluo. — Para continuar servindo à nossa causa.

Eu me obrigo a encarar meu pai. É necessário muito esforço para não desviar do seu olhar, assim como sei que ele está se controlando muito para não saltar por cima da mesinha de centro e me estrangular.

Na cozinha, o *timer* do forno apita. Minha mãe, eufórica com minha fuga heroica e corajosa, pede licença para conferir seja lá o que estiver assando.

— Então... — digo ao meu pai, esperando sua reação.

Ele não responde, mas pula na minha direção, agarra a gola da minha camisa e me levanta. Eu balanço a alguns centímetros do chão, suspenso pelo seu punho firme.

O rosto dele, mais vermelho a cada segundo, me encara com um olhar de fúria.

— Me dê uma razão para eu não quebrar o seu pescoço agora mesmo.

— Se quisesse que a verdade viesse à tona, se quisesse que todos soubessem como falhei com você, não teria se preocupado em mentir. — A gola torcida começa a me impedir de respirar. Eu me obrigo a continuar falando. — Como convenceu Ivan a guardar o segredo?

Ele ignora a minha pergunta.

— Se pensa que vai se manter seguro usando isso contra mim, está enganado. Se matasse você agora, a única pessoa a quem teria que contar toda a verdade seria a sua mãe. — Ele me sacode com violência. — Ela aprenderia a aceitar. Não teria escolha.

Eu congelo: sei que está falando sério. Ele poderia me matar. Ele *quer* me

matar.

Mudo de tática rapidamente, esperando que não seja tarde demais.

— Sinto muito, General. — Canalizando meu próprio pavor extremo, derramo lágrimas de arrependimento. — Eu sinto muito.

Ele me olha com ainda mais desprezo: ver o filho implorando pela própria vida talvez seja tão difícil para ele quanto saber que renunciei à causa. Sei que minha nova tática é tão arriscada quanto a anterior: ele pode me matar tanto por nojo quanto por raiva.

Entretanto, prossigo. Essa é a única estratégia que tenho.

— Eu o desapontei e desapontei meu povo. Sou um covarde. Não tenho as qualidades necessárias para matar. No campo de batalha, eu... não suportava ver tanto derramamento de sangue.

Meu pai solta minha camiseta, e caio com força no chão.

— Sabia que seria arriscado voltar. Sabia que poderia ser devidamente executado como traidor. Mas achei que valia o risco.

— Por quê?

— Porque — respondo, fazendo uma pausa para dar um efeito dramático enquanto me levanto desajeitadamente. — eu tinha esperança de que me desse uma chance de compensar o meu fracasso.

— E como pretende fazer isso?

Ajeito a camisa e o encaro, sem piscar nem uma vez, procurando lhe dar o olhar mais firme que consigo.

— Já está claro que não tenho as habilidades necessárias para ser um guerreiro. Não sou como Ivan.

Ao ouvir isso, meu pai emite uma risada de desprezo.

— Filho, você não é digno nem da mais ínfima comparação com Ivanick.

— Mas sou o melhor nas operações táticas. Ivan nunca teria terminado a primeira fase dos estudos se eu não estivesse lá para fazer os trabalhos para ele, a cada etapa.

O General não está nem olhando mais para mim: ele olha na direção da cozinha, sem dúvida pensando na explicação que dará à minha mãe quando tiver me matado. Percebo que estou perdendo meu pai. Ainda assim, pressionoo, tentando não demonstrar meu desespero.

— Encontrei a Número Dois primeiro. Lá em Londres, bem antes da sua equipe de rastreadores conseguir localizá-la. E, no Quênia, descobri o Número Três bem antes de Ivan. Não tive coragem de matá-los sozinho, mas os encontrei primeiro. Posso ser um dos seus melhores rastreadores, se me der uma chance...

Meu pai vem novamente para cima de mim, mas desta vez me agarrando pela garganta. Não consigo respirar.

É isso, penso. É o meu fim.

— Uma semana — diz ele. — Vou dar uma semana para você mostrar seu potencial.

Ele me solta.

— Se não for capaz de realizar um milagre nesse tempo... — Ele interrompe a frase.

Pela forma como me olha, percebo que espera que eu complete a fala.

— Você vai me matar.

Seu olhar firme confirma que meu palpite estava certo.

Assinto, concordando com suas condições.

CAPÍTULO

SEIS

Deitado na minha antiga cama, no meu antigo quarto, encaro a parede. Fiquei surpreso em encontrar tudo exatamente como deixei; uma parte de mim esperava ver tudo vazio por conta da minha suposta “morte”. Acho que minha mãe venceu pelo menos *essa* batalha com o General.

Tento ficar à vontade. Depois de passar meses em uma cabana no acampamento, meu colchão de molas caro deveria ser incrivelmente macio e confortável. Mas parece uma cama de pregos.

Depois de um jantar artificial, durante o qual meu pai e eu fingimos estar felizes com o meu retorno, sozinho no quarto posso enfim relaxar e tirar o sorriso falso do rosto. Estou exausto e assustado. Ainda que consiga evitar a execução dentro do prazo da semana de experiência que o General me concedeu, não há garantia alguma de que serei capaz de invadir o laboratório. E, mesmo que consiga, não há garantia de que encontrarei uma forma de reavivar Um, de impedir seu desaparecimento iminente. E, mesmo que consiga salvá-la, não faço ideia de como salvarei a mim mesmo e sairei deste lugar após completar a minha missão.

Precisarei encontrar um jeito, pois agora a morte sequer parece a pior alternativa. Ser aprovado no teste do meu pai e “autorizado” a ficar aqui, tendo que fingir indefinidamente que sou um mogadoriano leal, parece o destino mais perverso de todos.

— Foi difícil assistir àquilo. — Um aparece na frente da porta.

Suspiro, grato pela presença dela.

— Não percebi que estava lá.

Ela caminha lentamente na minha direção e se senta ao pé da cama.

— Eu me contive. Tentei ficar longe da sua vista. Imaginei que precisasse se concentrar. — Um me lança um olhar afetuoso. — Foi a atuação da sua vida, hein?

— Com certeza.

Ela parece culpada, preocupada com a minha segurança.

— Acha que valho todo esse esforço? — pergunta.

— Sem dúvida — respondo, tentando forçar um sorriso confiante.

A porta do quarto se abre, e minha irmã Kelly entra.

Surpreso, pulo da cama.

— Então é verdade que você voltou — ela diz de maneira rude, me olhando de cima a baixo.

— Pois é — respondo.

Não sei ao certo se devo correr para abraçá-la.

Decido esperar e seguir seu comando.

— Que bom, acho.

Ela brinca com a maçaneta da porta, hesitante.

— Você não veio jantar.

À mesa, meu pai contou que Ivan havia sido promovido a um novo cargo e estava em algum lugar do sudoeste (a novidade me trouxe tanto alívio que precisei cobrir a boca para o General não perceber minha felicidade), mas ninguém explicou o motivo da ausência de Kelly.

— Eu me atrasei. Estou participando de um programa extracurricular no berçário. — “Berçário” é como alguns chamam o criadouro de pikens no complexo subterrâneo. Os pikens são criados nos laboratórios lá embaixo e adestrados para o combate. — Acho que vou ser treinadora depois que me formar. Dizem que tenho talento.

— Ah — respondo. — Que ótimo.

Não posso acreditar em como estou parecendo idiota e inseguro. De volta ao ninho de cobras de Ashwood, sinto medo da minha própria irmã caçula. Que patético.

— Tanto faz — ela diz. — Então, escute só. Parabéns por ter sobrevivido, por estar de volta e tudo o mais. Mas, sabe, já foi muito vergonhoso encarar a sua morte. Agora vou ter que explicar aos meus amigos que meu irmão fracassado está de volta. Basicamente, você acabou com a minha vida.

Fico assustado com a insensibilidade dela, mas compreendo. Na sociedade mogadoriana, morrer em combate não é tão honroso quanto na maioria das culturas humanas. E sobreviver após um combate *fracassado* não é muito melhor do que ser um traidor. O alívio da minha mãe em saber que estou vivo não será compartilhado pela minha irmã... nem por ninguém em Ashwood.

— Só estou dizendo isso para não surtar quando ignorá-lo na frente do outros, está bem?

— Muito justo — respondo.

— Que bom — ela diz.

Minha irmã sai do quarto sem me dar boa-noite, muito menos um abraço.

Lanço um olhar de desespero a Um.

Rapidamente, ela encobre a expressão de pena com um de seus melhores e mais sarcásticos sorrisos.

— Bem-vindo de volta, Adamus — diz.

CAPÍTULO

SETE

De manhã, um garoto um pouco mais velho que eu chamado Serkova vem me buscar. De acordo com o General, ele é um pesquisador jovem e promissor da divisão de Controle de Mídia. Meu pai o designou para me atualizar e me colocar para trabalhar.

Pegamos o elevador para o complexo subterrâneo. Ele me olha de soslaio.

— Ouvi dizer que você tinha morrido no Quênia — diz.

— Foi — confirmo, fingindo timidez.

— E agora quer um cargo de rastreador?

— Essa é a ideia.

Ele dá uma risadinha debochada. Serkova tem as feições comuns de um mogadoriano natural. Mas tem algo de asqueroso e imundo em seu nariz, que fica ainda mais nojento quando faz isso.

— Não sabia que nosso negócio era distribuir segundas chances para soldados fracassados. — Ele olha para mim. — Mas devem abrir uma exceção para o filho do General.

As portas do elevador se abrem e caminhamos até o centro de operações, bem no meio do complexo subterrâneo. O teto em forma de redoma e os fluorescentes lustres esféricos dão a sensação de um átrio imenso — e incrivelmente feio.

Mogadorianos naturais e nascidos artificialmente marcham em todas as direções entrando e saindo dos diversos túneis que irradiam do centro de operações. Sinto a reação deles à minha presença: os naturais evitam me encarar, enquanto os outros riem de mim com um desdém descarado. As notícias correram muito rápido, até mesmo aqui embaixo.

Passamos pelas entradas dos túneis sudeste e nordeste em direção ao túnel noroeste. Exceto pela sala de reuniões do General, nunca tive acesso a nenhum dos túneis fora do centro de operações. Porém, é de conhecimento geral que uma direção leva às instalações de treinamento de combate e a outra, aos depósitos de armas e *bunkers* dos nascidos artificialmente. Caminhamos por um terceiro túnel em direção aos laboratórios de pesquisa e desenvolvimento e ao complexo de Controle de Mídia.

Eu me esforço para acompanhar o passo de Serkova. É evidente que ele não gosta de mim e detestou o fato de ter sido incumbido de ser a minha babá.

— Qual é o seu problema comigo? — exijo saber com franqueza; a visão de mundo dos mogadorianos se tornou, repentinamente, muito estranha para mim.

— Estão me dando uma segunda chance. O que você tem a ver com isso?

Serkova vira para mim com um sorrisinho de desprezo nos lábios.

— Acha que já não tenho que aguentar o suficiente dos guerreiros por ser um rastreador? Eles já nos chamam de “tecnobabacas”. E agora estamos sendo forçados a contratar um fracassado de guerra *assumido*. Então, da próxima vez que disserem que só somos rastreadores porque não servimos para o combate, estarão *certos*. Graças a você.

Que ótimo.

Eu o sigo até o centro de Controle de Mídia, uma grande sala iluminada apenas pelas telas de mais ou menos vinte computadores. Ninguém olha para nós enquanto Serkova me conduz até o meu monitor. Graças ao seu chique, não preciso nem perguntar o motivo.

Ele explica qual é o trabalho que devemos fazer e se senta à frente do console próximo ao meu.

— Boa sorte, Adamus — diz, deixando bem claro o sarcasmo, e retorna ao trabalho.

Eu me viro para o meu monitor.

Um fluxo constante de links em textos coloridos rola pela tela. O *mainframe* mogadoriano vasculha transmissões de rádio, tevê a cabo e satélite, além de todos os cantos da Internet vinte e quatro horas por dia. Antes dos links chegarem às nossas telas é feita uma seleção automática: a maioria das histórias que interessam aos humanos é descartada previamente, assim como a maior parte dos artigos e reportagens dedicados à política norte-americana ou internacional. Entretanto, a grande parte do que resta — previsão do tempo, coberturas de desastres naturais, registros policiais — invade as telas como uma verdadeira torrente de *hyperlinks*.

Nosso trabalho é examinar, classificar e separar cada link que chega à tela. O material claramente inútil à causa mogadoriana vai para o diretório “Descartar”, enquanto o que *talvez* seja considerado relevante vai para o diretório “Investigar”, onde é avaliado pelo chefe dos pesquisadores e pode, em seguida, ser descartado ou encaminhado ao quartel-general de comando. Também é nosso dever identificar e classificar o material selecionado para o diretório “Investigar” de acordo com nossa avaliação de relevância: “PR” para Possível Relevância, “PA” para Prioridade Alta e “PM” para Prioridade Máxima. Os itens marcados com a sigla “PM” são enviados simultaneamente ao chefe dos pesquisadores e a um pequeno grupo de analistas do quartel-general de comando para análise imediata.

Por fim, se o quartel-general de comando estiver convencido de que alguma notícia representa um sinal legítimo de atividade da Garde, são expedidas equipes de verificação.

Todos os três membros da Garde executados foram localizados com algum auxílio dos rastreadores. No entanto, apesar da nossa importância, somos na verdade apenas macaquinhos amestrados. As coisas empolgantes, como a verificação e o combate, ocorrem fora da área de atuação dos pesquisadores.

Não que esse seja um trabalho fácil. Em apenas alguns minutos lutando contra um fluxo de informações atualizado ininterruptamente, já sinto saudades da clareza e da simplicidade do meu trabalho braçal no Quênia. Vasculhar a Internet inteira — de uma reportagem sobre o nascimento de quíntuplos na cidade de Winnetka, Illinois, até o vídeo de baixa qualidade de um sírio rebelde —, sem me envolver com o que leio e vejo é um desafio, e depois de apenas vinte minutos encarando o monitor quase sem piscar, parece que os meus olhos estão prestes a sangrar.

Então, fica ainda pior.

Ao final da primeira hora, um pequeno sino digital toca e uma aba surge no canto superior direito da minha tela. Meu coração desaba.

— Ah, sim — diz Serkova, conseguindo me lançar um sorrisinho de deboche, sem tirar os olhos do próprio monitor. — Eu me esqueci de mencionar. Somos avaliados a cada hora.

Nossos desempenhos individuais são contabilizados ao final de cada hora e transmitidos a todos os terminais. Número de Descartes, número de Investigações e um placar parcial com o percentual de precisão gerado pelo sistema.

Lá estou eu, no final da lista, no último lugar do ranking: vinte e sete Descartes, seis Investigações e setenta e um por cento de precisão parcial. Passo os olhos pela lista e vejo Serkova em segundo lugar, com impressionantes oitenta e dois Descartes, treze Investigações e noventa e um por cento de precisão parcial. Vou ter que ser *muito* mais rápido.

— O que foi mesmo que você disse para o seu pai? — alfineta Serkova.

Estou concentrado demais para responder. Preciso melhorar minha pontuação e me chateio com a capacidade de Serkova de trabalhar e me provocar ao mesmo tempo.

— Foi algo sobre como você é bom rastreador e como vai trabalhar muito melhor do que todos nós? — insiste ele.

Argh. O General não apenas me designou a uma tarefa impossível, que se não for bem-sucedida resultará na minha *morte*, como também envenenou meus novos colegas de trabalho, repassando informações a respeito do que havia dito sobre as minhas habilidades superiores.

Mas não respondo: não tenho tempo.

Volto ao trabalho, lutando contra o meu próprio desânimo. Uma das razões pelas quais convenci o General a me colocar no centro de Controle de Mídia foi ter pensado que teria bastante tempo livre na frente do computador para invadir os servidores dos laboratórios vizinhos e vasculhar a pesquisa do Dr. Zakos. Sei que a única chance de salvar Um está naqueles arquivos. Mas se não subir neste *ranking* logo, meu pai pode desfazer nosso acordo por justa causa, e serei morto antes de ao menos ter a chance de ajudar Um.

Preciso melhorar minha pontuação.

Começo a trabalhar mais rápido. O truque, aprendo, é não avaliar a informação encontrada. Em vez disso, deixo a minha consciência pairar sobre o texto ou vídeo, e então faço a classificação sem pensar nem ponderar. Basicamente, o segredo é aceitar que sou apenas mais uma peça na engrenagem da busca por informações.

Enfim, percebo que estou pegando o jeito. No ranking seguinte, já subi duas posições. No próximo, sou o décimo terceiro de vinte.

— Pura sorte — diz Serkova, com uma fungada.

Lanço-lhe um olhar penetrante. Sei que não estou aqui para competir com esse imbecil, mas não posso evitar: a ideia de desbancar esse arrogante me motiva. Ao final da tarde, alcanço a décima primeira posição.

Percebo que ganhei vantagem suficiente para me permitir cinco minutos de bisbilhotices. Rapidamente, saio da tela com *hyperlinks* e tento acessar os servidores principais do centro de operações.

Mas fazer uma pesquisa com o tique-taque do relógio no meu ouvido acaba sendo um desastre. Digito expressões como “transferência mnêmica”, “Dr. Anu” e “Dr. Zakos”, mas todas levam a áreas restritas do servidor, e não tenho tempo para invadi-las. Tento fazer uma busca mais ampla. Lembro o que Arsis disse sobre os humanos no laboratório e digito “prisioneiros humanos”. Em vez de ser direcionado para qualquer informação a respeito das cobaias experimentais de Anu ou Zakos, encontro um memorando interno e disponibilizado para o público sobre a nova e ampla política em relação aos seres humanos capturados. “Sempre que possível, os humanos suspeitos de ajudarem ou manterem relação com a Garde serão doravante encaminhados para a base do governo em Dulce, Novo México.”

Uma base do governo? Por que o governo dos Estados Unidos teria qualquer relação com os mogadorianos?

Deixo isso de lado por enquanto. É uma informação interessante — e perturbadora —, mas não vai me ajudar a salvar Um. Antes que sequer tenha a chance de tentar uma nova busca, meu intervalo acaba.

Volto ao trabalho. Como previa, essa pequena distração teve seu preço, e minha posição na última hora acaba despencando. Fico triste, mas me conformo que não poderei fazer outra “pesquisa independente” por hoje.



Terminamos às sete e somos substituídos pelo pessoal do turno da noite, que substituiremos amanhã às sete da manhã. Meu corpo dói por ficar curvado e imóvel, e sinto como se meus olhos estivessem cheios de areia. Terminei o dia de volta ao meio do ranking, na décima primeira posição.

— Nada mal — admite Serkova, levantando-se da cadeira. — Mas nem perto do que prometeu ao General.

Ele tem razão. Ocupar uma posição mediana em um grupo de vinte não me qualifica como um grande rastreador. Mas espero que seja suficiente para me manter vivo por mais um dia.

Caminho sozinho pelo túnel, retornando ao centro de operações.

Estou cansado demais para sequer considerar uma escapada e bisbilhotar os outros túneis: isso sem dúvida colocaria o meu disfarce em risco.

— Arsis, seu imbecil maldito!

Arsis! O assistente idiota do laboratório. Prosseguir com meu plano secreto era a última coisa que eu tinha em mente, até ouvir esse nome.

— Perdão, doutor — o garoto diz.

Dou a volta e vejo uma porta aberta que leva a um dos laboratórios. Dentro da sala branca e iluminada, um médico muito alto e magro pressiona, furioso, um jovem vigia contra uma parede, o dedo indicador levantado.

— Essas amostras deveriam estar armazenadas a uma temperatura *abaixo de zero*. Você guardou todas no refrigerador comum.

— Desculpe, senhor. — O garoto é dócil e prestativo, nada parecido com o pirralho resmungão que imaginei pelas mensagens de bate-papo.

— Engarrafe de novo as amostras das culturas remanescentes, mas veja se faz direito dessa vez — ordena o doutor com rigidez. — Você me pediu para lhe confiar tarefas mais importantes, então mostre que é capaz de realizá-las corretamente.

— Sim, senhor. — Arsis sai apressado para refazer o trabalho.

Fico observando boquiaberto o Dr. Zakos e seu laboratório gigantesco. Este é o homem que talvez salve a minha única amiga.

Ele me pega olhando.

Droga.

O Dr. Zakos fixa os olhos nos meus. Ou eu me viro e vou embora, ou penso em uma alternativa rápida.

— Dr. Zakos? — Decido improvisar.

— Pois não? — Ele parece intrigado.

Dou um passo na direção do laboratório.

— Sou Adamus Sutekh. Filho do general Sutekh.

Ele olha para mim, claramente desconfiado.

— Eu queria conhecer o senhor — prossigo —, já que o meu pai falou tão bem do seu trabalho.

Minha estratégia dá resultado: o Dr. Zakos fica vermelho de orgulho. Até os mogadorianos têm vaidade. Um ponto fraco bastante explorável.

— Fico feliz em saber que o General está satisfeito — diz o doutor, fazendo uma mesura involuntária.

— Na realidade, fui cobaia de um experimento do seu predecessor — prossigo. — O trabalho que ele realizou com o primeiro integrante da Garde morto... a transferência mnêmica...

— Ah, sim, claro. — Ele confirma com a cabeça. — O trabalho do Dr. Anu foi um fracasso deplorável. Tenho certeza de que a tecnologia de transferência mnêmica que venho desenvolvendo desde então está muito mais aperfeiçoada, se algum dia eu conseguir permissão para usá-la.

Fico confuso. Zakos continua a falar e agora me olha com muito mais interesse. Eu me esforço para manter uma expressão neutra.

— O senhor está dizendo que agora o procedimento poderá ser realizado com sucesso? — pergunto.

— Essa é a minha teoria — concorda ele.

— Como isso é possível? Pensei que o procedimento deveria ser feito imediatamente após a morte da cobaia.

Ele inclina a cabeça, curioso, e ignora a minha pergunta.

— Por onde você andou desde o fim do experimento? — ele indaga.

— Na África — respondo.

Não quero entrar em detalhes sobre as atividades em que me engajei desde o meu último encontro com os mogadorianos. Mas o doutor parece aceitar a resposta sem questioná-la.

— E você sofreu algum... efeito colateral devido ao procedimento ao qual foi submetido?

Fico tentado a responder com sarcasmo. *Só aquele pequeno coma.* Mas me contenho.

— Nenhum, além dos que o senhor já sabe.

As engrenagens da mente dele parecem estar trabalhando a todo vapor, enquanto me olha de cima a baixo.

— É uma possibilidade — reflete, quase como se falasse sozinho. — As vias neurais da Garde estão adormecidas há muito tempo para tentarmos realizar a transferência com um novo hospedeiro. Mas com a cobaia original, do experimento original...

Não posso evitar interrompê-lo.

— Do que está falando? Que Garde? O senhor não pode estar falando *dela*.

O Dr. Zakos apenas abre um sorriso bizarro e desfila até a parede do laboratório, coberta com cerca de dez azulejos cor de areia. Ele pousa a mão sobre um pequeno painel de controle de aço junto à parede e realiza uma elegante sequência de gestos. Com um repentino e penetrante chiado hidráulico, um dos azulejos desliza para fora da parede e se abre como uma gaveta, expelindo vapores criogênicos.

Parece uma gaveta de necrotério.

Ele olha para baixo, orgulhoso do que jaz ali.

— Dê uma olhada — diz.

Eu entro no laboratório e espio pela borda do azulejo.

— Perfeitamente preservado — acrescenta o doutor.

Não posso acreditar no que estou vendo. Ela sequer parece morta: parece

estar dormindo.

Minha melhor amiga no mundo inteiro.

Um.

CAPÍTULO

OITO

Um não me deixa dormir durante metade da noite, me bombardeando com perguntas que não sei responder: sobre os experimentos do Dr. Zakos, sobre o que quis dizer quando falou que poderia realizar com sucesso a transferência de todas as memórias dela, sobre o que significava seu corpo estar tão bem preservado.

— Bom, você ainda está morta — digo.

— O quê? Tenha um pouco mais de tato, por favor — ela retruca, rindo.

Estou na cama. Um está sentada no chão, no canto do quarto.

— Desculpe — respondo.

Estou um pouco desnorteado. Vê-la em carne e osso daquele jeito, um cadáver dentro de uma gaveta de aço frio, me abalou mais do que eu gostaria de admitir. Um tem sido minha companheira de todos os momentos durante anos, mas ver o cadáver dela me fez lembrar de como sua atual existência é delicada.

— Você percebeu? — ela pergunta, retomando sua animada especulação. — Havia pelo menos dez gavetas naquela parede. Lembra o que o tal de Arsis disse naquele bate-papo? Sobre conectarem os humanos para obterem informações? Você acha que eles também estão sendo conservados naquelas gavetas?

Fico maravilhado com a mente de Um. Ela sequer estava presente quando li as transcrições do bate-papo de Arsis, e sem dúvida estava desaparecida quando entrei no laboratório de Zakos.

Ela registra o meu olhar de espanto.

— O que foi? — pergunta. — Você já sabe que a sua mente é um livro aberto para mim. Só porque não estou presente quando as coisas acontecem, não quer dizer que não possa vê-las quando volto.

E, sem hesitar, volta à obsessão.

— Enfim, se estou tão bem preservada, significa que de alguma forma talvez possamos nos conectar um ao outro de novo e renovar minhas memórias dentro de você. Quer dizer, sei que sou bonita, mas não acho que o Dr. Zakos esteja preservando o meu corpo pelos meus *belos olhos*. Ele deve estar fazendo isso para manter o treco fresco dentro do meu cérebro. — Ela assente, satisfeita com o raciocínio. — Precisamos voltar àquele laboratório.

Eu desvio o olhar.

— Um, realmente preciso dormir um pouco.

Já é tarde, e tenho que estar no centro de Controle de Mídia em quatro horas.

Ela fica em silêncio.

— Se eu me der mal no trabalho, vão me matar. E, se eu morrer, você também morre, e o plano do laboratório vai ser irrelevante de qualquer forma,

ok?

Eu olho para Um, mas ela sumiu.

Ocorre-me que jamais saberei quando um desses sumiços será o último. Em algum dia, Um vai se apagar de repente, então vou esperar que ela volte... mas ela não voltará.

Até segunda ordem, essa foi a última vez que a vi.

Aperto o meu rosto contra o travesseiro e tento dormir.



Na manhã seguinte, chego ao trabalho grogue e com os olhos vermelhos, temendo as próximas doze horas. Ocupo a cadeira ao lado de Serkova e mergulho no fluxo de dados.

Embora atordoado, consigo uma boa posição no primeiro ranking. Porém, com a exaustão me dominando, sinto minha produtividade decair. Com cerca de quinze minutos da hora seguinte, sei que já voltei para o final da lista.

Então, resolvo bolar uma pequena trapaça.

Para cada cinco fontes que examino de verdade, automaticamente jogo outra qualquer no diretório “Descartar”. Sei que minha porcentagem de precisão parcial vai sofrer uma queda, mas, pelo que percebi, seu peso no cálculo do ranking geral é pequeno comparado ao dos Descartes e das Investigações.

Com essa técnica, consigo subir para a sexta posição no ranking seguinte, com setenta e três Descartes e dezessete Investigações. Minha precisão parcial está em setenta e três por cento, mais baixa do que na hora anterior, mas não o bastante para levantar suspeitas.

Percebo que Serkova me olha com desprezo. Não faço questão de esconder meu sorriso.

Passo o resto do dia assim, competindo com Serkova. Desisto de arrumar tempo para pesquisar e uso esta tarefa para me desligar de tudo: da situação arriscada de Um, do estranho experimento de Zakos no laboratório, do meu odioso pai, do verdadeiro significado do trabalho que estou fazendo. Meu único objetivo é ultrapassar Serkova em pelo menos um ranking.

No fim do dia, fico em segundo lugar. Bem na frente de Serkova, que termina em terceiro.

— Espero que você tenha mais sorte amanhã, Serkova — digo, com um sorriso radiante e dissimulado.

Ele me xinga e sai da sala.



Depois do trabalho, sigo em direção ao meu quarto para tomar um banho antes do jantar. Minha mãe avisou que Kelly não vem jantar conosco mais uma vez,

por conta do programa extracurricular no berçário. Tá bom, acredito. Sei muito bem o verdadeiro motivo: ela não quer se sentar à mesa comigo.

Mas nem mesmo isso é capaz de me abater: superar Serkova, ainda que só uma vez, foi uma vitória gigantesca. Eu me pego correndo pelas escadas até o meu quarto, pulando três degraus por vez.

Abro a porta, esperando encontrar Um. Estou ansioso para contar a ela que nocauteei Serkova. Quando entro no quarto, vejo seus pés atrás da cama.

— Um?

Eu me aproximo.

Ela está deitada de costas no tapete, a boca e os olhos abertos. Parece feita de vidro, e sua pele está como daquela vez debaixo do baobá, com uma aparência leitosa e esquisita. Só que é muito, muito pior.

— O que aconteceu? — Eu me agacho no chão, ao seu lado. Ela permanece calada. — Um?

Depois de um instante de silêncio, ela fala:

— Nada. — Seus lábios mal se movem, e sua voz é rouca. — É só que cada vez fica mais escuro. Dói mais, é mais... obliterante. — Seus olhos se reviram, procurando por mim.

Por fim, o olhar dela encontra o meu.

— É como se fosse mais escuro que o escuro, sabe? — diz.

— Sei — respondo.

Mas *não* sei. Ela está passando por algo que sequer cheguei perto de vivenciar. Ela está chegando ao Fim.

Ouçõ minha mãe me chamando para jantar.

E viro para Um.

— Vou ficar aqui com você.

Ela balança a cabeça de forma quase imperceptível.

— Não — diz —, é melhor você descer. — Seus olhos voltam a fitar o teto, e ela fica ali, desaparecendo e voltando.

Com o coração partido, saio do quarto.



Meu pai janta conosco. Ele mal pronuncia uma palavra, exceto para pedir mais comida à minha mãe — o General tem o apetite de um verdadeiro guerreiro — e nos dar notícias de Ivan.

— O oficial superior disse que Ivan está fazendo um excelente trabalho. E que tem todas as qualidades de um general.

— Que maravilha — minha mãe diz, com um sorriso de aprovação. — Será que ele já sabe da boa notícia sobre Adamus?

Meu pai e eu trocamos um breve e desconfortável olhar.

— Não — o General responde, limpando a boca com um guardanapo.

— Por que não? — ela pergunta, olhando de um para o outro. — Acho que ele ia ficar feliz em saber que o irmão está vivo.

— Adamus *não* é irmão de Ivanick — meu pai diz, interrompendo-a.

Tecnicamente, isso é verdade — enquanto sou filho biológico, Ivanick foi adotado e criado pelos meus pais —, mas entendi nas entrelinhas. Afirmar que Ivanick e eu não somos irmãos é a maneira que meu pai tem de dizer que não sou digno dessa honra, que Ivan é ainda mais filho deles do que eu. O General se levanta e caminha até a cozinha, deixando nós dois sozinhos em um silêncio desconfortável.

A verdade é que estou muito triste com o enfraquecimento gradual de Um para sequer me preocupar com a detestável novela da minha vida familiar.

— Você mal tocou na comida, Adamus. — Minha mãe olha para mim, preocupada. — Tem algo incomodando você?

A pergunta é tão ridícula, dadas as circunstâncias, que quase começo a rir. Gostaria de responder: “Sim, mãe. Tudo isso está me incomodando.” Mas mordo a língua.

Escuto a voz de Um na noite anterior. *Precisamos voltar àquele laboratório.* Ela está certa. Um está desaparecendo tão rápido, que se quiser que ela tenha alguma chance de viver, preciso convencer o Dr. Zakos a tentar o procedimento de novo. Mas como poderei convencer o meu pai a me deixar ir, a permitir que eu abandone meu cargo temporário no centro de Controle de Mídia?

— Adamus?

— Só estou com medo — respondo.

Não sei onde quero chegar, mas posso ver novas possibilidades se formando.

— Medo? — minha mãe pergunta. — Medo de quê?

— Do meu pai. Estou com medo que ele me force...

Minha voz falha dramaticamente. Eu me obrigo a parecer o mais indefeso e aterrorizado que posso.

— Do que está você falando?...

Então, despejo tudo. Explico à minha mãe que conheci por acaso o substituto do Dr. Anu no túnel noroeste outro dia e que ele disse que poderia fazer o procedimento de transferência mnêmica novamente.

— Ele falou que dessa vez vai funcionar — digo. — Que não pode ser feito com qualquer um, tem que ser comigo. E estou com medo, não quero voltar para aquele laboratório e ser conectado àquelas máquinas. Estou com medo de voltar para o coma... ou pior! — Meus olhos se enchem de lágrimas. — Ele falou que desse jeito poderá buscar informações verdadeiras sobre a Garde, e acho que o General vai me obrigar...

— Ah, Adamus, eu duvido que...

Eu a interrompo, falando mais alto do que antes.

— Mas ele vai! Se o General descobrir, tenho certeza de que vai!

Então escuto a voz profunda e grave vindo por trás de mim.

— Se eu descobrir o quê, exatamente?
É o General. Mordendo a isca.

CAPÍTULO

NOVE

— Sente-se, fique à vontade. — O Dr. Zakos posicionou uma cadeira grande no centro da sala e faz um gesto me convidando a sentar. Nervoso, eu me sento. — Fiquei muito satisfeito com a ligação do seu pai ontem à noite — ele diz, se movimentando rapidamente pelo laboratório, posicionando monitores e ligando equipamentos médicos assustadores. — Mas assim, tão em cima da hora, talvez leve algum tempo para que eu consiga preparar essas máquinas.

Percebo que o Dr. Zakos está em êxtase com a possibilidade de usar o equipamento comigo. Adamus, o rato de laboratório mogadoriano.

Afundo na cadeira e tento me acomodar enquanto o cientista ajeita tudo. Eu deveria estar feliz: meu plano deu certo. Deixei meu pai ouvir de propósito que eu não queria servir de cobaia para os experimentos de transferência mnêmica de Zakos, e dentro de minutos ele estava com o doutor ao telefone, dando-lhe o aval para conectar meu cérebro ao cadáver de Um.

O General ainda me odeia, e me ver fraco e amedrontado, como fingi estar à mesa do jantar, deu à sua escassa consciência a permissão de que precisava para arriscar a minha vida no laboratório mais uma vez.

Ele tem o direito de me odiar. É recíproco. E agora que consegui enganá-lo novamente, meu ódio alcançou outro nível de profundidade, adquiriu uma nova dimensão: desprezo. Eu o fiz de idiota.

As máquinas começam a fazer barulho.

Tenho medo do que pode acontecer enquanto estiver lá dentro, mas afasto esse sentimento. Mais do que nunca, me sinto aliviado por saber que Um pode ter alguma chance de sobreviver. Se a tecnologia estiver mesmo aprimorada, talvez eu consiga passar incólume pelo procedimento e salvar Um.

— A máquina levará cerca de vinte minutos para aquecer — Zakos anuncia.

Eu assinto enquanto observo o doutor se aproximar do painel de aço ao lado da gaveta que guarda o corpo de Um. Ele aperta alguns botões e ela se abre, com o mesmo chiado hidráulico de antes.

De onde estou sentado, não consigo ver o cadáver de Um. Zakos aperta alguns botões no canto da gaveta e, em seguida, mexe novamente no painel. A gaveta se fecha.

— O senhor não vai precisar... — começo a falar e então me contenho antes de chamar Um pelo nome. — O senhor não vai precisar me conectar ao corpo?

— Não — ele responde, com orgulho profissional. — Todos os receptáculos estão ligados a este terminal principal — diz, apontando para o maior monitor de todos. — Tudo, a não ser a hidráulica dos receptáculos, é controlado por aqui: os escaneamentos cerebrais, os sinais vitais, os protocolos de

preservação...

— O senhor tem outros corpos guardados? — pergunto.

— Sim — responde. — Guardo muitos. Alguns são mortais indigentes que usei em experimentos. O resto são Acolhedores.

Zakos, alheio ao fato de que sou um traidor da causa mogadoriana, explica que, quando os lorienos estavam em suas primeiras buscas por um planeta para se esconder da minha espécie, fizeram contato com alguns mortais aleatórios. Os mogadorianos capturaram esses seres humanos há quase dez anos e os submeteram a uma série de interrogatórios. Entretanto, naquela época sabíamos muito pouco sobre psicologia e comportamento humanos, e nossas técnicas eram um tanto rudimentares. Alguns dos “Acolhedores” cederam aos interrogatórios, mas logo ficou claro que as informações reveladas — sobre a localização dos lorienos e sobre o que eles diziam aos Acolhedores ao estabelecer contato — eram quase sempre falsas. Por conta disso, nosso povo desenvolveu projetos contínuos de pesquisa, fazendo uso de uma complexa tecnologia de mapeamento cerebral, para encontrar meios mais minuciosos de colher informações. Em outras palavras, em vez de pedi-las, começamos a buscar uma forma de extraí-las.

— E o experimento de Anu com você foi, na realidade, um braço daquela pesquisa. Infelizmente foi um fracasso, mas despertou o meu interesse. O procedimento ao qual você será submetido agora representa um gigantesco aprimoramento do trabalho dele.

Percebo que Zakos imagina que a aulinha de história terminou, mas quero saber mais.

— E o senhor manteve esses Acolhedores vivos durante todo esse tempo?

— Não exatamente — responde ele, com uma risada entusiasmada. — Vasculhamos seus cérebros com tamanha exaustão na tentativa de extrair informações sobre a Garde que todos pereceram, exceto um. É claro que estamos mantendo os outros preservados, para o caso da nossa tecnologia avançar a ponto...

— Quem sobreviveu? — interrompo, procurando obter informações que sei que vão interessar Um se sobrevivermos ao procedimento.

O Dr. Zakos olha para mim em silêncio por um instante. Por uma fração de segundo, receio ter levantado alguma suspeita.

Pelo contrário, ele ergue a sobrancelha como uma criança travessa.

— Quer ver? — pergunta.

Ele corre até um painel próximo a outra gaveta e abre o receptáculo. Depois que a névoa se dissipa, estico o pescoço para enxergar melhor.

Vejo um homem bonito e forte de meia-idade. Devido ao tempo que passou enclausurado, sua pele é assustadoramente pálida, quase da mesma cor de um mogadoriano artificial. Mas, por outro lado, ele parece saudável. Seus olhos estão fechados.

— Um momento — pede Zakos, apertando uns botões dentro do receptáculo. Em seguida, se inclina por cima do homem. — Malcolm Goode? — chama ele gentilmente, como um tradicional médico humano chamando seu paciente. — Como estão as coisas por aí?

Malcolm Goode abre os olhos.

Sinto um arrepio, uma onda nauseante de pena por este pobre ser humano, aprisionado em uma caixa gelada por anos a fio.

— Olá — o homem diz, olhando para o Dr. Zakos com extrema inocência e confiança. É como se não fizesse a menor ideia de quanto tempo se passou ou a que foi sujeitado. — Acho que esqueci onde estou — continua, com um sorriso ingênuo. — O senhor pode me dizer?

O Dr. Zakos responde apenas com uma risadinha.

— Bem — ele diz, dirigindo-se a mim —, acho que já deu para entender.

E então alcança o painel, aperta mais alguns botões, e Malcolm está pronto — por dispositivo elétrico ou químico — para voltar a dormir. Mas não antes de me encarar com um olhar assustado e confuso.



Estou inconsciente. No início é apenas um vazio, uma escuridão tão sombria que, por um instante, me pergunto se é por isso que Um passa quando desaparece. Então, surgem explosões de luz e estalos elétricos, e me percebo imerso nas memórias de Um.

Olho em volta, tentando me situar. Estou em uma cabana de madeira, na cama, com a cabeça para fora do colchão. Pelas rachaduras no chão vejo água corrente: um rio.

O Rio Rajang.

— Eles estão vindo.

Eu me viro e vejo Hilde, a Cêpan de Um. Ela olha fixamente por uma fenda na porta, pronta para a luta. Em seguida, avança na minha direção, me sacode e me puxa da cama.

É quando percebo que não sou apenas um espectador nas últimas lembranças de Um, como fui durante a maior parte do tempo que habitei sua consciência. Estou conectado *diretamente* às experiências. Não vejo Um fantasma em lugar algum. Estou completamente misturado a ela: cada pensamento, cada sensação. A umidade no interior da cabana. O suor escorrendo pelas minhas costas. Sinto os olhos de Hilde em mim, analisando minha prontidão para o combate.

Não estou pronto, penso. Estou assustado.

A equipe de combate mogadoriana chuta a porta, e Hilde entra em ação. Ela esquiva da faca de um deles e, quando o mogadoriano dá um giro para recuperar o equilíbrio, esmaga a sua traqueia em um golpe só. Assim que ele desaba, ela se vira para outro e quebra o pescoço dele com um movimento ágil.

Estou petrificado, com medo demais para me mover. Sei o que está por vir. Hilde está prestes a morrer.

Meu coração dispara. Eu amo essa mulher com todo o amor de Um.

Outro mogadoriano ataca. Hilde o derruba de costas.

Porém, esse é mais rápido do que os outros. Ele saca uma arma e atira bem no peito de Hilde.

Tudo fica vermelho. Sinto toda a raiva, todo o choque e toda a fúria de Um pela perda de sua Cêpan — *minha Cêpan* — tomarem meu corpo. *Não, ela não pode, eles não podem. A culpa é minha, eu falhei, como pude falhar?* Esses são os pensamentos de Um, mas eu os sinto e os escuto como se fossem meus. *Ela precisa voltar. Eu preciso dela. Não, não e não! Tem que pagar, alguém tem que pagar, eles têm que pagar.* Nossa fúria compartilhada cresce ainda mais. *Eles vão pagar, ah, sim, eles vão pagar, vamos fazê-los pagar.*

É quando sinto algo me rasgando por dentro, uma sensação tão nova e, ao mesmo tempo, tão estranhamente familiar, que é quase engraçado que eu jamais tenha notado, que tenha precisado passar por essa crise para perceber. O chão começa a tremer; um estrondo intenso ressoa sob os meus pés, mas também dentro de mim. À medida que meu coração entoa *sim, eles vão pagar, eles vão pagar*, tudo fica escuro e...



Sombras. Mãos acenando diante do meu rosto, uma luz fluorescente queimando na escuridão.

Estou de volta ao laboratório de Zakos. Ele está xingando, arrancando os eletrodos da minha cabeça e ajustando a máquina a qual estou conectado.

— O que aconteceu? — pergunto.

Ainda estou zozzo com o que acabei de vivenciar. Por mais caótica e turbulenta que tenha sido a transferência mnêmica, aconteceu alguma coisa que fiquei próximo de compreender, a promessa de algo muito importante.

Mas agora que estou de volta, tudo se foi.

— Seus sinais vitais estavam subindo mais rápido do que previ. Se eu continuasse... — Ele deixa escapar mais uma porção de xingamentos.

Eu me sento na cadeira.

Ele olha para mim.

— Você consegue se lembrar de alguma coisa? Alguma informação que eu possa encaminhar à cadeia de comando? — pergunta.

Faço que não com a cabeça.

É claro que estou mentindo. Além do que acabei de presenciar, já tenho um vasto conhecimento sobre a psicologia loriena e a relação entre os Gardes e seus Cêpans. Toda a história de Um está gravada no meu cérebro. Desde a primeira transferência.

Ele me encara. Está claramente aturdido, o cabelo molhado de suor, mas ainda continua assustador.

— Sei que está aí dentro — ele diz. Suas palavras me provocam um calafrio. — Talvez você não tenha consciência disso, mas sei que está tudo aí no seu cérebro. E sei que sou capaz de acessar — acrescenta.

Pela forma como fala, parece estar conversando consigo mesmo.

— A nossa compreensão da fisiologia mogadoriana vai muito além de tudo o que sabemos sobre os lorienos ou os mortais — continua. — Com as minhas técnicas de mapeamento neurológico, posso realizar o que Anu não pôde. Posso mandar essas correntes com o triplo de força e arrancar as informações do seu cérebro direto para meu disco rígido.

Ele olha fixamente para mim. Eu me sinto estranhamente exposto, como um objeto, um pedaço de carne pendurado em um açougue.

— Mas para isso — conclui, com uma risada amarga —, vou precisar da permissão do seu pai para matar você.

CAPÍTULO

DEZ

Sou dispensado para concluir meu dia de trabalho no centro de Controle de Mídia. Não tenho mais forças para lutar, e minha posição no ranking cai vertiginosamente. Dezesseis, dezoito, dezoito, vinte. Último lugar.

Sei que o Dr. Zakos informou imediatamente o fracasso do experimento ao meu pai, mas duvido que tenha corrido o risco de sugerir ao General sua ideia de fazer uma vivisseccção no meu cérebro. Tenho mais dois dias no laboratório antes que meu pai decida se os resultados me qualificam para sobreviver. Ou ele mandará me executar ou me julgará valioso à causa e permitirá que continue trabalhando como rastreador. *Fantástico*.

Depois do trabalho, mais um jantar deprimente. O General está ocupado na sala de reuniões, então somos apenas minha mãe, Kelly e eu. Kelly se recusa a sequer olhar para mim. Quando minha mãe vai até a cozinha, me viro para Kelly e tento puxar uma conversa. Estamos distantes um do outro desde a transferência mnêmica, há quase cinco anos. Nem sei se ela consegue se lembrar daquela época, quando odiava as implicâncias e as maldades de Ivan e me adorava, o doce irmão mais velho.

— Não tenho visto você nos túneis — digo. — Como vão as coisas no berçário?

Ela continua em silêncio, mastigando a comida devagar e olhando para a frente. É difícil acreditar que uma garota de quatorze anos seja capaz de manter um ódio tão intenso.

— Kelly — continuo —, me desculpe se a minha sobrevivência causa vergonha e se você precisa explicar que seu irmão fracassado voltou...

— Ivanick me contou. — Ela me corta com um sussurro agressivo. — Ele me contou toda a verdade sobre você. Eu sei o que a mamãe não sabe. Você é um traidor.

Meu estômago se revira. Estou a ponto de vomitar o jantar inteiro.

— Então — Kelly prossegue —, pode parar de tentar ficar bem comigo. Isso não vai acontecer. — Ela se levanta da mesa. — Queria que você estivesse morto — conclui, sai correndo pelas escadas e bate a porta do quarto.

— Boa noite para você também — respondo, com uma risada deprimente para mim mesmo.



Depois do jantar, subo até o meu quarto. Um não está lá. Não a vejo desde ontem à noite.

Por alguma razão, isso não me surpreende. A transferência mnêmica foi tão rápida e interrompida tão bruscamente, que duvido que tenha colaborado muito para o restabelecimento de Um na minha consciência. Talvez tenha sido isso o que senti estar prestes a compreender — como mantê-la viva dentro de mim.

É engraçado pensar que Zakos achou que estaria ganhando pontos com o General ao poupar a minha vida. Se ele tivesse me matado, meu pai provavelmente lhe teria dado uma medalha.

Não tenho nada que me impeça de dormir. Vou para a cama cedo.

Deitado na cama, sem sono, penso sobre a lamentável ironia da minha situação atual. Voltei aqui para tentar salvar minha única amiga no mundo e fracasso, assim como fracassei em salvar Hannu. Se ela ainda não tiver desaparecido de vez, isso acontecerá em breve. E agora estou preso aqui, no meio dessa armadilha.

Sozinho.



Um dia dispersivo no trabalho. Estou empacado no ranking, oscilando entre a décima terceira e a décima quinta posição. Que patético.

Deixei um pouco o truque dos “Descartar” de lado. Para que me dar ao trabalho de impressionar alguém, afinal? Resolvo investigar a sério cada link que aparece em meu monitor, mesmo que isso atrapalhe minha produtividade. Pelo menos é mais interessante do que ficar movendo mecanicamente informações para uma pasta ou para outra sem parar.

Clico em um link.

Sou direcionado a um fórum dedicado aos leitores de uma publicação chamada *Eles Estão entre Nós*. O *mainframe* mogadoriano isolou um tópico intitulado “PRÓXIMA EDIÇÃO?”, postado por um usuário chamado EEENFAN182. Quando clico, a janela da discussão se abre.

Por favor eu li EEEN nº 3 tantas vezes. Por favor me digam quando a próxima ed vai sair? Obrigado! — EEENFAN182

Desculpe, EEENFAN. Ainda não há previsão para a edição de número quatro, mas garantimos ter muito material. Obrigado por nos acompanhar. — admin

O quê? Que material? Vcs não podem nos deixar assim! Desembuchem! — EEENFAN182

Andem, deem alguma pista!!! — EEENFAN182

Já se passaram semanas sem nenhuma atualização. Este fórum morreu, RIP. LOL. — EEENFAN182

As mensagens estão datadas de um ano antes. Então, hoje de manhã...

Pedimos desculpas. Estivemos ocupados. Fizemos contato, sem dúvida extraterrestre. Verdadeiro MOG capturado. — admin

Eu quase engasgo. Algum humano por aí capturou um mogadoriano? Ou pelo menos *pensa* que capturou um mogadoriano?

Percebo na hora que esse é o primeiro link realmente digno de classificação “PM” que passou pelo meu monitor até agora. Clico no *hyperlink* e o arrasto para o diretório “Investigar”... mas paro logo em seguida.

Por que deveria alertar os mogadorianos sobre a localização desses humanos? Humanos que, sem dúvida, os mogadorianos vão capturar e matar. Poderei arrumar um problema se descartar o link — o sistema deve ter um dispositivo à prova de falhas para detectar os Descartes equivocados —, mas por que deveria facilitar para esses mogadorianos desgraçados? Descartando esse link, estarei salvando uma vida humana... ou, pelo menos, atrasando a máquina de caça mogadoriana por alguns minutos.

Vale a pena.

Não me importo se vou viver ou morrer. Se Um foi embora e estou preso nesta sociedade odiosa, que motivos tenho para lutar pela minha própria vida? Superar Serkova já perdeu a graça; além disso, com meus últimos resultados nos rankings, minhas chances foram pelos ares.

Clico em “Descartar”.

Eles virão atrás de você.

No fundo, sei que vou arder no fogo do inferno pelo que acabei de fazer. E não estou nem aí.

Que se danem os mogadorianos.

Começo a jogar todos os links do meu monitor no diretório “Descartar” o mais rápido que posso. Não há limite para o número de links enviados a cada monitor — quanto mais são processados, mais são enviados —, e antes que perceba, já mandei trezentos links para o diretório de Descartes.

Estou fazendo uma bagunça completa no sistema deles. O relógio marca o fim de mais uma hora. Com quantos Descartes não avaliados será que posso abarrotar o diretório antes que os meus companheiros percebam? E, mais ainda, quanto tempo tenho até que minha traiçoeira ocultação de provas seja descoberta?

Estou exultante.

O novo ranking aparece. Descartei seiscentos e onze links. Investiguei zero. Atingi hilariantes onze por cento de precisão parcial. E o melhor, como se zombando de todo o algoritmo dos rankings, fico em primeiro lugar.

— Que diabo é isso, Adamus? — rosna Serkova para mim. Os outros se viram

e me olham; todo o setor de controle para. Ninguém sabe como reagir ao meu surto completo. — Você enlouqueceu?

Sorrio para Serkova, atordoado com o meu comportamento insano.

— É, acho que sim.

Então, um alarme soa.

Ouço uma marcha intensa vinda pelo corredor: são soldados enviados do QG.

— Você merece tudo o que vai receber — diz Serkova, cuspiendo em mim.

Eu corro.

Esquivo para o túnel noroeste e vejo os soldados se aproximando, liderados pelo General. Todos parecem *furiosos*.

Se é para morrer, vou morrer fazendo barulho. Corro *em direção* aos guardas... e paro em frente ao laboratório de Zakos.

— Ei, papai — provoco o General. — Fiz alguma coisa errada?

— Você sabe muito bem o que fez.

Ele dá um sorriso debochado. E faz um gesto para os guardas me capturarem.

Eu resisto, sacudindo os braços como um louco e gritando o mais alto que consigo. Os mogadorianos mal sabem como lidar com um comportamento tão indigno. Sinto meu pai encolhido de vergonha.

Os guardas conseguem me dominar, mas o tumulto atraiu a atenção do Dr. Zakos. Ele vai até o corredor e vê os guardas começando a me arrastar, provavelmente para me atirar a um piken faminto.

Por um momento, penso que meu plano falhou; então, escuto a voz de Zakos no fundo do corredor.

— General! Espere!

Meu pai nos detém para escutar o que Zakos tem a dizer.

— Se o senhor me permite... talvez eu possa dar alguma serventia à vida do seu filho.

CAPÍTULO

ONZE

Estou de volta à cadeira.

Zakos convenceu meu pai a permitir a realização de uma transferência mnêmica acelerada entre mim e Um. O processo será tão intenso que vai literalmente fritar meu cérebro e me matar. Mas Zakos garantiu ao General que será capaz de efetuar a transferência das memórias de Um contidas no *meu* cérebro após eu morrer.

— Se seu filho foi uma decepção tão grande em vida, pelo menos deixe que tenha alguma serventia depois de morto.

Zakos assegurou ao General que, mesmo que as informações extraídas sejam irrelevantes, os efeitos do experimento representarão um gigantesco avanço da tecnologia mogadoriana.

— O senhor não precisa se esforçar tanto para vender a ideia, Zakos — digo, ainda dominado pelos guardas. Com um sorriso insolente nos lábios, viro para o meu pai. — Não é mesmo, papai? Ele já tinha convencido você na parte do “depois de morto”, não foi?

O General sequer olhou para mim. Acenou para os guardas, que me soltaram, e se voltou para o doutor.

— Quero os resultados na minha mesa amanhã de manhã — disse.

Desde então, estou no laboratório.

Os guardas vigiam a porta, mas não estou amarrado nem sou observado por ninguém além de Zakos. Para onde vou agora? Como conseguirei escapar? Já comprovei, com a pequena demonstração no corredor, que não sou páreo para os soldados mogadorianos.

Nem meu pai nem minha irmã acharam apropriado me visitar nas minhas últimas horas de vida. Mas minha mãe se aventurou para me trazer uma última refeição. Ela entrou no laboratório algumas horas atrás, trazendo umas fatias de pão fresquinho embrulhadas em um guardanapo e uma vasilha de plástico cheia de sopa. Hesitou por um instante, procurando um lugar adequado para deixar a comida. Então, percebendo que não havia lugar algum, pôs o pão e a sopa sobre um balcão sem dizer uma palavra. Em seguida, virou-se de costas para mim e pôs a mão na porta.

— É verdade mesmo? — perguntou.

— O quê? — perguntei, com certo rancor. Queria que ela pronunciasse em voz alta.

— Que você traiu a causa mogadoriana.

Imaginei que o General, ao perceber que não dava mais para amenizar as coisas, tinha resolvido contar tudo a ela.

— Sim — disse.

Sem mais nenhuma palavra, ela foi embora.

Instantes depois, enquanto segurava o pão ainda quente nas mãos, percebi que essa derradeira refeição seria a última coisa amável e maternal que ela faria por mim.

Joguei no lixo.

Agora, Zakos está me preparando para o procedimento. Ele enche uma seringa com algum tipo de anestésico e explica que, dessa vez, vai me desacordar antes de começar, o que deve tornar o mapeamento neurológico mais preciso. Em breve, estarei inconsciente, depois entrarei nas memórias de Um e, em seguida, morrerei.

O doutor abre o receptáculo de Um e faz alguns ajustes antes de começar. Penso em Um e em todos os Acolhedores nos outros receptáculos.

— Isso dói? — pergunto.

— O quê? — Ele está absorto nos preparativos.

— O que você fez com os Acolhedores. Mantê-los vivos e ficar vasculhando seus cérebros em busca de informações durante todos esses anos.

— Ah, nunca parei para pensar nisso — responde. — É, acho que deve ter uma dor excruciante.

Então, escuto a voz dela.

— Você não vai *mesmo* deixá-lo sair ileso disso, vai?

Eu me viro e vejo Um ao lado da minha cadeira, tremeluzente. Andei me perguntando se a veria novamente antes de apagar; se ela já havia desaparecido por completo.

Não tenho escolha, respondo. *Estou preso aqui.*

Ela se apoia no balcão.

— Sempre há uma escolha. Você escolheu fazer todo aquele estrago hoje no trabalho, incitar o General a sentenciar sua morte e fazer com que Zakos escutasse tudo para que terminasse aqui...

Fiquei com medo de que já tivesse partido. Não consegui pensar em mais nada. Perdi as esperanças. Achei que já perderia você de qualquer forma, e que poderíamos pelo menos...

— Pelo menos nos vermos uma última vez? — Ela completa meu pensamento, inclinando o rosto e me dando um sorriso sedutor. — Que gracinha. Mas na verdade não foi por isso que você surtou hoje.

Ela tem razão. Não foi assim que a coisa toda começou. Naquele momento, eu simplesmente não consegui me obrigar a entregar aqueles humanos ao meu povo. Seria a primeira vez que o meu trabalho como rasteador ajudaria diretamente os mogadorianos e causaria sofrimento a alguém, e não pude fazer aquilo. Na última semana, precisei correr riscos absurdos e imprevisíveis, mas essa foi a primeira vez que agi completamente por impulso, sem pensar nem um segundo nas consequências.

Um, digo. Nem eu mesmo consigo entender por que fiz o que fiz.

Ela não me responde na hora, em vez disso, vira-se para a parede de azulejos e cruza os braços. Sinto uma ideia se formando na cabeça dela. Após um instante, Um se volta para mim e me lança um olhar enigmático.

— Não se preocupe, Adam — diz. — Você vai entender. Já que vai morrer mesmo — continua, inclinando-se para perto do meu ouvido —, não prefere morrer lutando?

Olho para ela, confuso.

— Um gigantesco avanço da tecnologia mogadoriana — sussurra Um, dando uma olhadela em direção às gavetas que contêm os corpos dos Acolhedores. — É esse legado que você quer deixar?



Chegou a hora.

Estou na cadeira, conectado ao equipamento de Zakos por um monte de fios e cabos. A máquina que me unirá de volta à consciência de Um já está zunindo.

— Os parâmetros estão todos no lugar — afirma o cientista. — Depois de administrarmos o anestésico, leva só um minuto para começar a funcionar.

Ele aponta para uma seringa em uma bandeja de instrumentos próxima a mim. A seringa não havia escapado à minha atenção, contudo.

Ele se aproxima, curvando-se sobre mim na cadeira reclinável. Conforme segura a minha mão esquerda no braço da cadeira e começa a amarrar uma tira no meu pulso, vejo que tenho apenas um segundo para agir.

Com um solavanco, me liberto do punho de Zakos, dou um salto, agarro a seringa e a espeto em sua garganta antes que ele consiga reagir. Desesperado, ele me soca e atinge meu rosto, mas é tarde demais: já empurrei o êmbolo.

Ele cambaleia para trás, tonto, as drogas já percorrendo seu corpo, e cai no chão.

Eu rasgo a tira na minha mão esquerda e me levanto.

— Por quê?... — ele pergunta, intrigado com o que acabei de fazer. — O que espera conseguir?...

Então, ele apaga.

Corro para a porta do laboratório e tranco-a por dentro, tentando não fazer nenhum barulho. Por sorte, o Dr. Zakos não derrubou nada ao cair: qualquer som teria atraído a atenção dos guardas do lado de fora. Mas sei que assim que fizer o que estou prestes a fazer, os alarmes vão disparar e chamar a atenção de todos. Não vai demorar muito até que venham arrombar a porta.

Mas não tem problema. Só preciso de um pouco de tempo.

Corro para o painel de aço que controla os receptáculos. Não há botões nem instruções. Não faço ideia de como imitar os gestos complexos do Dr. Zakos.

— Pode deixar. — Eu escuto uma voz dizer. A voz de Um.

Ela controla os meus movimentos, exatamente como fez quando sequestrou o meu corpo na floresta. Sou um espectador do meu próprio corpo, assistindo à minha mão dançar com elegância sobre a superfície do painel.

Um alarme dispara. Sinto Um saindo do meu corpo e passando o controle de volta para mim.

Eu me sento novamente, reconecto alguns eletrodos e agarro os braços da cadeira.

Olho pela última vez para a parede atrás de mim, enquanto todos os receptáculos se abrem de uma vez, em um coro de chiados hidráulicos, expelindo os corpos guardados. Todos são abertos exceto o de Um, que ainda está conectado a mim pelo *mainframe*.

Expostos ao ar, em minutos os cadáveres perderão a utilidade para futuros experimentos.

Sem dúvida, não é uma sabotagem elegante. Mas impedirá os mogadorianos de obter qualquer informação dos Acolhedores mortos, além de retroceder em alguns anos a pesquisa de Zakos.

A máquina que me conecta a Um começa a zumbir mais alto. Usei todo o anestésico para derrubar Zakos, então acho que isso vai doer. Mas sei que Um tem um plano para mim, e esse plano não envolve a minha morte.

É quando vejo Malcolm Goode acordando em cima de sua placa de aço.

— Um? — chamo, nervoso.

No calor do momento, nem considereirei o que poderia acontecer a Malcolm, o único Acolhedor sobrevivente. Eu o observo desconectar seus cabos e levantar da placa. Suas pernas, inutilizadas por anos, cedem no mesmo instante.

Ele olha nos meus olhos. Tem quase o triplo da minha idade, mas parece tão perdido e confuso quanto uma criança.

Ouçõ a voz de Um em meu ouvido.

— Não se preocupe com ele. Ele vai ficar bem.

Nesse instante, a dor me atinge.



Estou mais uma vez envolvido na lembrança da morte de Hilde, a explosão da arma mogadoriana abrindo seu peito bem diante dos meus olhos. Ela cai de joelhos à minha frente.

Vermelho, laranja e roxo mancham minha visão. Tudo está mais rápido e mais alto do que antes, tudo está vibrando e zunindo. Os pensamentos de Um estão novamente gritando na minha mente: *Não, ela não pode, eles não podem. A culpa é minha, eu falhei, como pude falhar? Eles vão pagar, nós vamos fazê-los pagar.* Eu sinto de novo, aquela sensação de algo me rasgando por dentro. *Ah, certo, está certo, é assim, tão simples.* O chão começa a tremer, sinto um intenso estrondo sob meus pés, e também dentro de mim, e quando meu coração

então *Sim, eles vão pagar, eles VÃO pagar*, as paredes da cabana começam a tremer, e eu bato o pé. Uma onda de energia se espalha pelo chão. É um poder maior do que qualquer outro que já exerci, que segue percorrendo o nosso corpo e se irradiando para fora.

Através da mancha alaranjada na minha visão, vejo as paredes da cabana explodirem e quatro guerreiros mogadorianos voarem pelos ares... pela força que emana de mim.

Depois que a poeira baixa, olho para as minhas mãos, para as minhas pernas. Suponho que o corpo de Um seja a fonte desse poder.

Mas não vejo o corpo dela. Apenas o meu.

— É isso — escuto a voz de Um.

Viro para o lado, surpreso em descobrir que não estou mais na cabana malaia, e sim no belo litoral da Califórnia. Nosso lugar.

Um está sentada na areia, esperando por mim.

— Legal, não é?

Balanço a cabeça, concordando, boquiaberto com o poder absoluto do Legado de Um. Usá-lo me deixou zozinho.

— Venha se sentar aqui comigo. Não temos muito tempo.

Eu me jogo na areia ao lado dela, ainda sem fôlego.

É perfeito: o sol aquece a minha pele, a areia refresca os meus pés. E o melhor de tudo: Um está aqui, bem ao meu lado.

No meio do mar, uma tempestade se forma, e as nuvens estão negras como piche. Mas ainda estamos sob o sol.

Um me toca.

Aqui, posso senti-la. Estendo a mão e a toco também. Com os ombros lado a lado, apoiados um no outro, admiramos a tempestade que se aproxima.

— Conseguimos o que queríamos — ela diz. — Agora, tenho que partir.

Eu me viro para ela. *O que ela está dizendo?*

Um morde o lábio e me lança um olhar de desculpas.

— Você entende que o objetivo disso tudo nunca foi salvar a minha vida, não é? — ela pergunta.

Meu coração afunda até o estômago, mas não sei por quê.

— Claro que foi — respondo. — Você acha que voltei, enfrentei a minha família e passei por tudo aquilo sem motivo algum? Eu estava tentando salvar você.

— Nunca houve jeito de me salvar. Uma parte de você sabia disso.

— Não estou entendendo.

— Precisamos ajudar a Garde. — Um desvia o olhar, como se fosse tão difícil para ela dizer quanto é para mim escutar. — Mas depois da sua derrota nas mãos de Ivan, você sentiu que não tinha nada a oferecer à causa. Disse que era muito fraco, muito magro, que não era o herói que eu sou. Que não tinha poder algum. Mas agora você tem.

Seu Legado. Ela... *me deu*? Eu vou ficar com ele?

— Peço desculpas por ter enganado você, Adam. Mas você precisava chegar até aqui. Se não tivesse voltado, uma parte sua ainda estaria ligada à sua família, ao seu povo. Você conseguiu ver o quanto eles o desvalorizam, o quanto desvalorizam tudo o que não seja guerra e matança. Agora, você está pronto para seguir com a Garde e lutar de verdade contra o seu próprio povo.

Não. Eu me afasto, com a mente zonha.

— Por favor, Adam. Faça bom uso do meu Legado — ela pede.

Do outro lado do oceano, sombras dançam, estalam e se contorcem em meio às nuvens. Lá, vejo Um se mover em uma luta em câmera lenta. Seus últimos segundos passam como um filme bem diante dos nossos olhos.

— Um — imploro. — Por favor, pare com isso.

— É assim que tem que ser. No fundo, você sabia disso o tempo todo, Adam. Eu não sou real. *Nunca* fui real. — Ela se vira para a tempestade que se aproxima, para o trágico filme da sua morte que passa nas nuvens. A lâmina da espada de um mogadoriano sem rosto a atinge pelas costas e atravessa o seu estômago. O golpe fatal. — No fundo, você sabia. Eu estive morta esse tempo todo.

Olho para Um. Ela é a minha melhor amiga. É tudo para mim.

Um dá as costas à cena da sua própria morte e me encara.

— Você me criou, a partir das minhas memórias, para não ter que percorrer esse caminho sozinho.

— Isso não é possível. Você é tudo o que tenho.

Ela sorri.

— Não. Você tem *a si mesmo*. A coragem necessária para se virar contra o seu povo, a coragem necessária para vir até aqui, para arriscar a sua vida e obter o poder de que precisava para trilhar uma jornada heroica... isso tudo veio *de dentro de você*.

Um nunca havia falado tão bem de mim. Eu deveria estar lisonjeado, mas estou apenas com medo. Vou perdê-la.

— Não consigo seguir sozinho.

Eu me sinto patético expondo meus medos e fraquezas tão abertamente para Um. Mas estou desesperado. Já perdi tanto, não posso perdê-la também.

— Adam, sua solidão chegou ao fim. Eu prometo.

— Um — digo, com os olhos cheios de lágrimas —, eu amo você.

Ela assente, sorrindo, e se aproxima para tocar o meu rosto. Agora, também está chorando.

— Se estivesse viva, acho... que você teria mesmo me amado.

Ela me beija e diz adeus.

E então, parte para sempre.

CAPÍTULO

DOZE

Há um vulto na escuridão se movendo ao meu redor.

Vejo o céu. As estrelas.

O vulto mexe em meus braços e pernas. Repousa minha cabeça em um monte de terra macia. Joga água em minhas feridas. Força-me a beber.

O vulto tem a pele branca como a lua.

— Malcolm — chamo.

— Sim — ele responde, com um sorriso, e se agacha ao meu lado. — Sou Malcolm. Agora me lembro.

Eu me sento, de certa maneira esperando ainda me encontrar preso no laboratório, apesar do céu. Apesar das estrelas. Mas estamos no meio do mato, em um campo na beira de uma floresta.

— Carreguei você o mais longe que pude. Mas precisava descansar. — Ele suspira e toma um gole d'água. — Temos que seguir viagem em breve.

Estou perplexo e totalmente confuso. *Como conseguimos fugir?*

Malcolm percebe a minha confusão.

— Eu acordei no laboratório — explica. — Os mogadorianos estavam tentando arrombar as portas. Aquele médico estava caído no chão. E você... estava tendo convulsões. Então, no momento que os mogadorianos conseguiram arrombar a porta, aconteceu... — Ele para de falar e ri, espantado. — Aconteceu um terremoto.



Assim que recobro as minhas forças, seguimos em frente, passando por florestas, pastagens e plantações. Viajamos principalmente à noite, para não sermos avistados. Rumamos para o oeste, tentando nos afastar o máximo possível do que ainda resta de Ashwood Estates.

Aqui fora, tendo apenas o céu como referência, ficamos indiferentes à passagem dos dias e das noites. Perco a noção das horas, dos dias da semana, de quanto tempo estamos na estrada. *Dez dias? Doze?* Paro de contar o tempo em números e passo a me guiar pela mudança das paisagens, pela troca de cenários.

Malcolm acaba me explicando que o terremoto causou sérios danos às instalações subterrâneas. Conta que foi um milagre ter conseguido nos retirar da estrutura em ruínas sem que fôssemos pegos. Que foi como se o lugar inteiro desabasse ao nosso redor, sem jamais *nos* atingir — quase como se uma trilha de fuga se abrisse diante de nós a cada passo que ele dava. Ele acha que os mogadorianos devem estar tão ocupados com a reconstrução que possivelmente

ainda nem perceberam que sobrevivemos à destruição.

Entretanto, ele acredita que precisamos continuar andando para ficarmos verdadeiramente seguros.

Eu concordo.

Descansamos durante o dia em um galpão abandonado na beira de uma plantação de tabaco. Meus braços e minhas pernas estão cansados das caminhadas longas e difíceis, mas os cortes e arranhões estão começando a cicatrizar.

Malcolm me vê limpar o pior dos cortes que restaram.

— É um milagre que você não tenha se ferido mais. — Ele balança a cabeça, maravilhado. — É um milagre que tenhamos sobrevivido. E é um milagre ainda maior que o terremoto tenha acontecido, na verdade. Senão, não haveria escapatória.

Agora é a oportunidade certa para contar a ele.

— Não foi milagre algum — digo.

Ele para o que está fazendo e olha para mim, curioso.

Não uso sozinho o Legado de Um desde o dia em que destruí o laboratório mogadoriano. Mas sei que esse poder ainda está dentro de mim. Posso senti-lo guardado, pulsando, esperando que eu o evoque. Para brincar.

Fecho os olhos e me concentro. O chão abaixo de nós levanta e ondula, as paredes do galpão tremem. As ferramentas enferrujadas, penduradas em ganchos na parede, caem no chão com um baque.

Não é nada grandioso, mal chega a ser um tremor: só quis me testar e mostrar meu dom a Malcolm.

Ele fica impressionado, os olhos arregalados.

— Isso foi incrível.

— É um Legado. Um presente dos lorienos.

Malcolm olha para mim com uma das suas expressões de assombro.

— Você sabe alguma coisa sobre os lorienos? — pergunto.

Ainda não estou certo do que Malcolm se lembra, o quanto ainda restou do cérebro dele.

— Sei um pouco — responde ele. — Minha memória está... fragmentada. — Ele respira fundo, claramente frustrado. — Tenho trabalhado nisso. Tentado me lembrar de tudo. Mas o que mais me lembro é da escuridão.

— Da escuridão? — pergunto, mas assim que as palavras saem da minha boca percebo o que ele quer dizer.

A escuridão do receptáculo. Todos esses anos em um coma induzido, conectado às máquinas, com o cérebro dragado em busca de informações. Eu estremeço.

— Quando tento evocar uma lembrança, é como se tivesse que voltar àquela escuridão para acessá-la. Tenho que retornar a anos de vazio para me lembrar de qualquer coisa. — Ele ri. Sua voz guarda um tom de amargura que jamais ouvi

nele antes. — Mas *existem* algumas coisas que não preciso lutar para recordar. Coisas importantes.

Malcolm se cala, perdido nos seus pensamentos. Antes que possa pressioná-lo a explicar, ele muda de assunto.

— Você disse que ganhou um poder lórico. — Ele se inclina para a frente. — Então você não é um lorieneo?

Dou um sorrisinho.

— Você achou que eu era um lorieneo?

Ele assente.

— Achei. Ou isso ou você é um prisioneiro humano de alta primazia, como eu.

— Não — respondo, um pouco nervoso. — Não sou humano. E não sou lorieneo. — Venho temendo contar a verdade. Como ele reagirá quando souber que pertenço à mesma raça que o capturou e torturou durante anos? Mas sabia que um dia teria que confessar tudo. Acho que agora é o melhor momento para fazer isso. — Sou mogadoriano.

Aquele olhar assombrado mais uma vez.

— Se eu soubesse disso — ele diz —, provavelmente teria largado você no laboratório.

Ops.

Então, ele começa a rir...

Antes que eu perceba, estou rindo também e começando a contar a ele toda a minha história.



Malcolm e eu criamos uma rotina: dormimos durante o dia e caminhamos à noite. Vasculhamos plantações, florestas e lixeiras à beira da estrada em busca de alimento. Atravessamos riachos, colinas e rodovias. Passamos semanas — meses? — assim. Começo a perder a noção do tempo.

Quando estamos em campos afastados, longe das estradas e das casas, nós treinamos. Malcolm não tem experiência alguma com Legados, mas eu também não. A força bruta do meu poder recém-descoberto não é problema: fui capaz de quase dizimar Ashwood Estates, literalmente, enquanto dormia. Porém, a minha precisão e o meu controle ainda precisam ser aperfeiçoados. Então, focamos nisso.

Na sessão de hoje, Malcolm se posiciona no extremo oposto de um campo. Fico de pé e me preparo para liberar o poder. Quando nós dois estamos prontos, sinalizamos um ao outro com o braço. Hora do treinamento.

Encaro Malcolm do outro lado do campo, calculando mentalmente a distância entre nós. Ele colocou pedras no topo dos tocos da cerca que se estende entre nós; para cada pedregulho que derrubo, ele subtrai alguns pontos.

É fácil emanar meu abalo sísmico em uma onda descontrolada que sai derrubando tudo pelo caminho, mas ele quer que eu atinja a área abaixo dele e *somente* essa área. Ele diz que essa prática aumentará a minha precisão.

Concentro-me no ponto onde ele está até que tudo o mais desapareça. Então, libero o meu poder.

Há dias em que sequer sou capaz de alcançar Malcolm, o máximo que atinjo é um rario de dez metros à minha frente. Há outros dias em que alcanço a distância com facilidade, ultrapasso muito além do limite e sinto árvores que estão a quase cinquenta metros de distância de Malcolm. Algumas vezes, eu o atinjo com extrema precisão, e o solo treme delicadamente sob os pés dele. Quando isso acontece, ele avisa e pede que eu mantenha essa força equilibrada. Porém, às vezes, a intensidade do poder sísmico foge um pouco de controle, e o chão irrompe e lança Malcolm a uns três metros de altura.

Ele é sempre paciente, atencioso e gentil quando erro a pontaria, o que me deixa ainda mais feliz quando consigo um resultado perfeito nesse jogo que criamos fazendo a terra logo abaixo dos pés dele ressoar sem mandá-lo pelos ares. Isso requer um controle extraordinário e tanto esforço mental que geralmente acabo com uma leve enxaqueca, mas vale a pena pela expressão de orgulho estampada no rosto de Malcolm.

Meus pais me abandonaram. Acho que meu pai *nunca* me amou. Jamais terei de parente algum o tipo de amor incondicional que vi na tevê ou nos livros dos humanos.

Durante os três anos que passei dentro da mente de Um, vi sua relação próxima com Hilde e senti inveja. As duas brigavam o tempo todo, mas, no fundo, elas se amavam e confiavam uma na outra. Hilde treinava e estimulava os talentos de Um, encorajava seus triunfos. Desde que testemunhei tudo aquilo, ansiava por algo assim. Um mentor. E agora eu tenho.

Um prometeu que minha solidão acabaria. Ela tinha razão.



Começamos a avançar em zigue-zague, para evitar que os mogadorianos nos descubram. O caminho é tão tortuoso que eu nem considero que estamos rumando a um lugar específico, que Malcolm tem algum destino em mente.

Gosto de caminhar a esmo. Eu me sinto mais seguro em não deixar rastros, assim como me sentia no acampamento. Mas sei que em algum momento teremos que formular um plano e encontrar um jeito de reencontrar os outros membros da Garde. Talvez eu recue diante da carnificina, talvez sinta medo que me rejeitem por eu ser um mogadoriano, mas não consigo evitar a empolgação diante da possibilidade de encontrar os meus novos aliados.

Depois de uma longa caminhada noturna, acampamos em um pequeno bosque à beira de uma floresta na parte rural de Ohio. Malcolm dedica tanto

tempo e energia ao meu treinamento que tenho retribuído o favor, em geral quando estamos nos preparando para dormir.

Nesse momento, eu o treino. Faço perguntas sobre seu passado, tentando estimular sua memória. Sei que é muito frustrante ter lembranças imprecisas, mas ele jamais vai recuperá-las se não trabalhar nisso. Então, eu o interrogo e o pressiono em busca de detalhes.

— O que aconteceu antes da escuridão? — pergunto nesta noite.

Ele está tirando uns galhos do chão, preparando uma superfície macia para dormir.

— Detesto isso.

— Eu sei — respondo.

Nós dois estamos exaustos, e treinamento mental é a última coisa que queremos fazer neste momento.

Mas insisto:

— O que aconteceu antes da escuridão?

— Estou cansado — ele responde, esticando-se na terra. — E não consigo me lembrar.

— Vamos lá. Só uma coisinha. Conte apenas uma lembrança do tempo antes de ser capturado pelos mogadorianos.

Ele fica quieto.

— Malcolm — continuo —, você já me disse que se lembra de uma coisa importante de antes, algo que veio sem nenhum esforço. — Imagino que consiga arrancar pelo menos isso dele. — Só me diga que coisa é essa.

Ele se vira para mim, e de repente está sério.

— Meu filho. Eu me lembro do meu filho.

Uau. Não fazia ideia de que ele tinha um filho.

— Os detalhes sobre como fiz contato com os lorienos, como fui capturado pelos mogadorianos... todas essas lembranças estão começando a voltar, embora ainda estejam confusas. Mas eu me lembro de *tudo* da minha vida em Paradise.

— Ele sorri. — Eu me lembro de tudo a respeito de Sam.

— Você não tem vontade de reencontrá-lo? — pergunto.

— É claro que tenho. É por isso que estamos caminhando até a minha antiga cidade.

Ele olha para mim, claramente preocupado com a minha reação.

Estou chocado.

— É lá que ele está? — pergunto.

— Bem, não sei ao certo se ainda está lá, mas é minha única pista. E só faltam mais um ou dois dias de caminhada para chegarmos lá.

Estou confuso. Pensei que estávamos apenas fugindo dos mogadorianos, mas esse tempo todo Malcolm estava nos levando até sua casa.

— Mas o caminho tem sido tão aleatório — digo.

— Ainda estou tentando manter os mogadorianos longe do nosso encalço.

Evitar que sejamos descobertos se torna ainda mais importante conforme nos aproximamos de Sam. — Ele se senta e lança um olhar sério para mim. — Você não precisa vir até a cidade comigo. Pode ser perigoso. Imagino que os mogadorianos estejam me aguardando por lá.

Malcolm olha para mim, esperando para ver qual será a minha reação. Sob seu olhar, posso sentir: a familiar pontada de medo nas entranhas. Minha relutância habitual a entrar em combate.

Entretanto, há algo diferente em mim agora. Eu tenho o Legado de Um — meu próprio Legado. Não me sinto mais tão impotente quanto antes.

Na verdade, se sinto algo é um estranho comichão para testar a minha nova habilidade. Meses atrás, Um tentou me persuadir a abraçar novamente a causa lórica, e eu me recusei. Ela precisou de todo um complexo jogo psicológico para me convencer a deixar o acampamento.

Mas agora Malcolm não precisa de muito para me persuadir.

— Vamos lá — digo.



Paradise, Ohio, é uma típica cidade pequena. Uma mistura harmoniosa de áreas rurais e residenciais, muito diferente da cafonice das mansões padronizadas e do falso luxo de Ashwood. Caminhamos pela estrada que leva à cidade, procurando ficar do outro lado da fileira de árvores para que ninguém nos veja. Respiro fundo.

É. Gosto daqui.

Da estrada avistamos a avenida principal de Paradise, e Malcolm começa a nos levar para longe, mais para dentro do matagal. Caminhamos cerca de um quilômetro e meio por entre as árvores. Passamos por algumas construções no meio do mato — umas casas de fazenda abastadas, cabanas destruídas. Desviamos de todas elas, traçando uma linha reta em meio à mata, para evitar que alguém nos veja.

— Como ele é? — pergunto.

Enquanto viajávamos, contei a Malcolm quase tudo a meu respeito, sobre como o filho de um respeitado líder mogadoriano se transformou no traidor que sou hoje. Mas ainda há tanto sobre Malcolm que é um mistério para mim. Às vezes me pergunto se é porque ele mesmo não gosta de pensar nisso.

Ainda caminhando e olhando para a frente, Malcolm sorri com tristeza.

— Eu não sei — responde.

— Quer dizer que não consegue se lembrar?

— Não, não é isso. Minhas lembranças de Sam não se esvaíram nem um pouco. É só que... — Ele para. — Não sei dizer como ele está agora, pois não o vejo há muito tempo. Eu perdi tudo. Ele era só um garotinho quando fui capturado. Esperto e carinhoso. Um menino incrível. — Malcolm ri. — Esse era

o Sam.

— O que vai acontecer se nós o encontrarmos?

A expressão dele fica sombria.

— Eu só preciso vê-lo. Saber que ele está bem. Você e eu fomos marcados para morrer nas mãos dos mogadorianos. Sei que não posso ser um pai para ele nessas condições, mas preciso vê-lo pelo menos uma vez. Depois disso... — Sua voz falha.

Eu concluo seu pensamento.

— Depois disso, continuamos fugindo.

Malcolm assente com a cabeça.

— Não é seguro ficarmos vagando por aí — diz.

Sinto uma estranha pontada de alívio com esse comentário.

— Estamos perto — acrescenta Malcolm, apertando o passo.

Por entre as árvores, vejo uma casa mais adiante.

— É ali — diz.

À medida que caminhamos, a textura da terra sob os nossos pés começa a mudar. Olho para baixo: está queimada. Marcada. Fico em alerta, preparado para um possível ataque.

Quanto mais nos aproximamos, pior fica. Mais terra queimada, mais árvores derrubadas. Este lugar presenciou uma batalha.

— Malcolm — digo —, os mogadorianos estiveram aqui.

É claro que ele já percebeu isso. Ele apressa o passo e começa a correr em direção à casa. Corro atrás dele, preocupado com o que encontraremos.

Porém, quando ele chega lá e arromba a porta lateral a pontapés, uma mulher assustada sai e arregala os olhos diante de Malcolm. Nesse momento, eu paro de correr. Ele não me deu nenhuma explicação; não faço ideia do que está acontecendo.

Mantenho a distância.

Malcolm segura a mulher pelos ombros e começa a falar com ela, a fazer perguntas. A expressão maravilhada e chocada da mulher começa a se desfazer, dando lugar a algo diferente.

Raiva.

Ela dá um tapa nele. E mais outro. Logo está disparando tapa atrás de tapa, e Malcolm apenas fica ali, recebendo cada golpe. De onde estou, não consigo escutá-la, mas sei o que ela está falando. “Onde você estava? Onde você estava? Onde você estava?”

Ela cai de joelhos na varanda e começa a soluçar. Instantes depois, Malcolm se junta a ela.



Eu espero. Meu amigo já está lá dentro com a mulher há uma hora. Trocamos

um olhar antes de ele entrar com ela. Eu assenti, indicando que ficaria bem aqui fora sozinho.

Chuto a terra chamuscada. Estou ansioso, tenso. A julgar pelos rastros e pelos trechos de terra queimada, houve algum conflito por aqui e não faz muito tempo. Os mogadorianos podem estar próximos.

Tenho o Legado de Um agora, lembro a mim mesmo. Ainda que fique frente a frente com uma tropa mogadoriana, não sou mais inofensivo. Sou capaz de lutar.

Quanto mais o tempo passa, mais me preocupo com Malcolm. Seria devastador viajar de tão longe para descobrir que algo aconteceu ao seu filho.

Enfim, Malcolm sai da casa. Ele caminha com uma determinação imbatível, passa empertigado por mim e segue em direção à mata.

— Venha. — É tudo o que diz.

Eu o sigo pelo quintal até um grande poço de pedra.

— Está aberto — diz, balançando a cabeça.

— E daí? — pergunto. — Malcolm, você precisa me contar o que está acontecendo.

Sem responder, ele entra pelo poço e desaparece.

Mais uma vez, eu o sigo.

Desço por uma escada comprida e estreita até finalmente chegar ao fundo.

— Malcolm? — chamo.

Não ouço resposta. Sigo tateando pelas paredes até uma passagem estreita, que aos poucos se abre em um aposento.

Uma grande lâmpada de halogênio se acende, iluminando todo o espaço. Malcolm a suspende e a movimenta pelo cômodo.

Eu sigo o arco feito pela luz. Paredes vazias, alguns equipamentos de informática em um canto. Uma prateleira abastecida: garrafas d'água, comida enlatada...

Chocado com o que acabo de ver, fico ofegante. Na parede, bem ao alcance de minhas mãos, está um enorme esqueleto.

A cabeça do esqueleto está inclinada para baixo, formando um ângulo de resignação honrada, quase servil. Ainda assim, é um crânio, com órbitas profundas e vazias apontadas na minha direção. Eu solto um ganido e recuo até a parede oposta.

— Os mogadorianos não encontraram este lugar — Malcolm diz. — Se tivessem encontrado, não estaria assim. Eles teriam destruído ou recolhido esse esqueleto. Mas o poço foi aberto. Alguém esteve aqui. — Malcolm volta a andar pelo aposento. — O tablet sumiu. Ele deve ter vindo aqui, e depois...

— Malcolm — sussurro, na esperança de que ele se acalme e explique o que está acontecendo. — Estou no escuro. Literalmente.

Ele ignora a piada.

— Minha mulher viu Sam com uns garotos. Ela falou que houve uma batalha

— ele diz. — Pelo que descreveu, esses garotos eram membros da Garde. Sam estava com eles, lutando ao lado deles.

Sinto um arrepio de empolgação ao pensar que a Garde esteve aqui pouco tempo atrás. A Garde. Meu povo. Meu *novo* povo.

— Durante a minha ausência — ele prosseguiu —, acho que ele assumiu minha causa, acabou entrando na batalha contra os mogadorianos... e agora está desaparecido.

Malcolm olha para mim com um olhar atormentado.

— Meu filho desapareceu.



A esposa de Malcolm não o deixa entrar na casa novamente. Está muito brava.

Por conta disso, passamos a noite do lado de fora, no *bunker* subterrâneo, deitados no chão de pedra. Já dormi em uns lugares bem desconfortáveis desde que fugi com Malcolm, mas nunca enfrentei um desafio tão complicado quando tentar adormecer sob o nariz oco de um esqueleto de dois metros e meio.

Malcolm explica que a mulher está consumida de tristeza pelo desaparecimento do filho. Que, por mais que esteja com raiva de Malcolm pelo seu sumiço, o pior de tudo é que ele finalmente tenha voltado algumas semanas depois do desaparecimento de Sam — tarde demais para salvá-lo.

Ela culpa Malcolm pelo que quer que tenha acontecido a Sam. E Malcolm diz que ela está *certa* em culpá-lo.

— Foi culpa minha — diz. — Fiquei tão empolgado por fazer contato com os lorienos que não pensei nas consequências. Quando percebi do que os mogadorianos eram capazes, vi que ser um Acolhedor talvez representasse um perigo à minha família, mas já era tarde demais. Antes que pudesse fazer qualquer coisa para protegê-los, fui capturado.

Malcolm desenvolveu a teoria de que, atormentado pelo desaparecimento do pai, Sam começou a desvendar alguns mistérios sobre a invasão mogadoriana. Até que deu um jeito de forjar uma aliança com os integrantes da Garde.

E que, em algum momento das últimas semanas, em uma batalha próxima a esta casa, ele foi sequestrado pelos mogadorianos e acabou morto ou capturado.

Quando Malcolm diz isso, a minha mente volta ao memorando que encontrei enquanto bisbilhotava o servidor subterrâneo no centro de Controle de Mídia. O memorando datado do ano anterior que declarava que todos os futuros detidos e prisioneiros deveriam ser encaminhados à base de Dulce, no Novo México. Se Sam foi capturado semanas atrás, há uma boa chance de estar preso por lá.

Eu olho para Malcolm estirado no chão, de costas para mim.

— Malcolm — chamo.

Ele se vira para mim. Vejo pelo seu olhar que ele está perdido em um misto de incerteza, culpa e pesar. Sem dúvida, a busca por seu filho é o que o

impulsiona desde que escapamos de Ashwood.

— Acho que sei onde Sam está.

CAPÍTULO

TREZE

Mantenho distância enquanto Malcolm abre a porta da garagem. Dentro, coberto de poeira, está um Chevy Rambler velho.

— Não acredito que isso ainda está aqui — ele diz, mergulhando em direção à porta do passageiro.

Estamos em um depósito nos arredores de Paradise. Malcolm explica que pagou um adiantamento de muitos anos por essa vaga na garagem e deixou o carro abastecido e pronto caso precisasse sair da cidade de repente. Na verdade, ele mesmo foi trazido para esta garagem quando foi abduzido pelos mogadorianos, há anos.

Fico impressionado com a sua lembrança.

— Sua memória está cada vez melhor — elogio.

— É mesmo — ele confirma, com um sorriso astuto no rosto. — Parece que sim. Deve ser graças às suas perguntas irritantes.

Eu rio, enquanto ele se vira para o porta-luvas do carro, puxa algo de dentro e estende a mão para que eu veja o que é.

Um par extra de óculos de grau.

— Bingo — ele diz, triunfante.

Limpa as lentes com a ponta da camiseta e põe os óculos no rosto. Então se senta na poltrona do passageiro e me olha pelo para-brisa.

— Você não faz ideia de como é incrível poder enxergar direito. Já faz tanto tempo — diz, suspirando de satisfação. — Incrível.

— Nem sabia que você usava óculos.

— Eu uso, e muito — responde. — Na verdade, esta é a primeira vez que estou enxergando você sem ver apenas um grande borrão. — Ele cerra os olhos. — Agora sim dá para ver os traços mogadorianos. É, seu rosto definitivamente tem algo de maligno.

Eu rio e mostro o dedo para ele. Implicar comigo por ser mogadoriano tem sido uma brincadeira recorrente entre nós. Brincar com esse assunto é apenas a comprovação do quão acolhedor Malcolm tem sido comigo.

— O tanque está cheio? — pergunto.

Ele se inclina e liga o motor, espiando atentamente o movimento do indicador de combustível.

— Quase completo.

Ele desliza para trás do volante, enquanto tomo o meu lugar na poltrona do carona. Viajamos sem bagagem. Rumo ao Novo México.

— Está pronto? — pergunta.

— Nem um pouco — respondo.

— Pois é. Nem eu.

Então partimos.



Se não estivéssemos tentando passar despercebidos, percorrendo estradinhas secundárias para evitar que fôssemos pegos, teríamos feito todo o trajeto até a base em três dias. Da forma como fizemos, a viagem levou quase uma semana.

Não me incomodei com a demora.

Sentado ao lado de Malcolm, percebo que talvez estejamos indo em direção ao nosso próprio fim. Que, assim como precisei me despedir de Um, talvez tenha que dar adeus a Malcolm. Logo agora que pensei ter encontrado uma figura paterna, me vejo embarcando com ele no que pode ser uma missão suicida. Não posso ser o filho de Malcolm. Ele já tem um filho, e — bem ou mal — eu tenho um pai. Mas posso ajudá-lo a salvar Sam.

Lembro o que Um disse para mim, que me considerava um herói e queria que eu tentasse fazer coisas “grandiosas”.

Bem, acontece que o destino de um herói não é a glória ou a recompensa, e sim o sacrifício. Ainda que eu não tenha certeza se estou pronto para isso. Queria que essa viagem de carro durasse para sempre. Mas em breve cruzaremos a fronteira do Novo México e estaremos a apenas algumas horas da base.

Uma grande parte de mim não quer encontrar Sam. Se não posso levar uma vida normal, meu desejo é continuar com Malcolm, vivendo à margem da sociedade e fugindo dos mogadorianos.

Mas sei que isso não é possível.

Sei que estamos fazendo o que deve ser feito.



Chegamos à cerca que protege a base de Dulce. Estacionamos no deserto ao anoitecer e cruzamos as areias ainda quentes até o perímetro de cerca eletrificada, a quase meio quilômetro de distância do complexo. Malcolm explicou que sabia como chegar à base graças a seus dias de conspirador de teorias alienígenas, muito antes de descobrir qualquer coisa sobre mogadorianos ou lorienos, quando seu conhecimento a respeito de extraterrestres era limitado aos informativos sobre conluios e às inúmeras sessões de *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*. A base de Dulce era uma espécie de para-raios para análises insanas a respeito de como o governo ocultava informações sobre alienígenas. A ironia, segundo ele, é que toda essa especulação tenha acontecido muitos anos antes de qualquer contato humano com verdadeiros extraterrestres. Até pouco tempo atrás, esta provavelmente era *mesmo* apenas uma base militar.

— Acho que meus amigos malucos e eu estávamos mesmo à frente do nosso tempo — brinca.

Nós nos agachamos muito perto do chão, presumindo que a cerca seja rodeada por câmeras de vigilância. Então, nos aproximamos dos fundos do complexo, bem longe da entrada da base. Malcolm acredita que a segurança deve ser um pouco mais fraca neste ponto.

Mesmo com todo o conhecimento que ele obteve dos antigos informativos e com a pequena pesquisa que fizemos em um cibercafé no caminho como preparação para a viagem, só é possível obter informações sobre uma base secreta do governo por meio de canais públicos. Estamos praticamente às cegas.

Com um binóculo vagabundo que compramos em uma parada de caminhoneiro, Malcolm examina as dependências.

Depois de um momento, ele me dá um tapinha e aponta para uma torre de observação a algumas centenas de metros da cerca. Com os olhos cerrados, à luz fraca da noite, consigo enxergar um gerador a alguns passos da torre. Presumimos que o gerador alimenta a cerca. Se eu for capaz de atingi-lo com o Legado, teremos chance de entrar.

— A torre deve ficar a uns quase trezentos metros... não, quase quatrocentos metros de distância — Malcolm calcula.

— Pois é — digo.

Começo a esmurrar a minha mão com o punho cerrado, um pequeno ritual pré-Legado que inventei. Não faz sentido aquecer as mãos para aumentar a precisão. O poder vem de dentro de mim, do meu âmago, não das minhas mãos. Mas isso já se tornou um hábito.

— Equivale a três campos de futebol, Adam — Malcolm diz. — Nunca treinamos a essa distância.

— Pode deixar — respondo, confiante.

Na realidade, não me sinto confiante, mas imagino que demonstrar segurança pode aumentar as minhas chances.

Conecto-me ao meu eu mais profundo. Meus olhos se concentram com firmeza na área ao redor da torre de observação e o gerador.

O segredo, descobri, está na raiva. E tem que ser a minha própria raiva. Nas primeiras semanas, consegui acessar o Legado ao canalizar a raiva de Um pela morte de Hilde, mas isso logo perdeu a eficácia. Eu precisava encontrar a minha própria raiva.

Então penso em Kelly, com tanta vergonha de mim que sequer conseguia falar comigo. Penso na minha mãe, que me deixou apodrecer no laboratório mogadoriano. Penso em Ivanick, com as mãos nas minhas costas, me empurrando pela ravina. E, principalmente, penso no meu pai desferindo o golpe fatal em Hannu. E me sentenciando à morte. Penso em um milhão de outras injustiças menores, cometidas ao longo de toda a minha vida.

Eu odeio todos eles. Odeio tudo o que eles representam.

Então, sinto meu poder, minha ira, percorrendo o subsolo em direção à torre de observação. Como uma gigantesca mão de pedra, os dedos arqueados para cima, afagando a terra, sentindo-a.

Encontrei.

Deixo-a irromper.

O chão sob nossos pés permanece imóvel, mas vejo a torre de observação balançar, emergir com uma força tremenda. O gerador, todo destruído, solta faíscas. Então, a torre desaba.

Malcolm se vira para mim, chocado, maravilhado. Orgulhoso.

E sorri.

— Na mosca — diz.

CAPÍTULO

QUATORZE

Rastejamos sob a cerca, não mais eletrificada. Sabemos que a explosão do gerador e a queda da torre de observação devem ter atraído a atenção dos guardas no perímetro da base, e de fato estamos contando com isso para podermos passar. Se estiverem distraídos demais com a explosão para conseguirem vigiar o perímetro, deixando toda a área desprotegida, teremos uma chance.

O plano funciona. Conseguimos chegar bem perto do complexo sem sermos vistos. Quase todos os guardas foram atraídos até a torre; se suspeitam de que há uma invasão do perímetro, provavelmente pensarão que todo o caminho até o complexo está desprotegido.

Então, eu paro. Do outro lado da extensão do complexo, além do horizonte, há caos. Barulho. Explosões. Fumaça. Tiros de armas.

Eu me viro para Malcolm e pergunto:

— Teste de armas?

Ele balança a cabeça.

Alguma coisa está acontecendo na base. Alguma coisa *séria*.

Tenho um palpite estranho. Algo me diz que a Garde está aqui.

— O que acha que é? — pergunto a Malcolm, imaginando se ele está tendo a mesma sensação que eu.

— Não sei. Mas cavalo dado não se olha os dentes. Esse lugar é imenso. Se algum tipo de batalha está acontecendo do outro lado, pode ser que a segurança deste lado esteja mais fraca, para compensar. Talvez a gente consiga pegar todos de surpresa, mesmo depois de invadirmos.

Ele retoma a marcha em direção aos fundos do complexo. Eu o sigo.



Nós nos posicionamos atrás de um veículo militar estacionado em uma entrada lateral. Ainda conseguimos ouvir o som distante do caos que se estabeleceu do outro lado do complexo, a quase um quilômetro de distância. Enquanto aguardamos à espreita, um jovem soldado passa correndo pela porta e corre em direção ao carro. Fico me perguntando se ele foi enviado à outra extremidade da base, como Malcolm imaginou.

Em um piscar de olhos, Malcolm o ataca.

Nunca vi Malcolm em uma briga antes. Fica claro que ele não é treinado para isso; entretanto, ele leva duas vantagens. Primeiro, o soldado estava distraído e com pressa. Mas o principal é que Malcolm sabe que está cada vez mais perto do

seu filho, e a determinação que ele tem para salvar Sam lhe dá forças. Ele se movimenta loucamente em um ataque descoordenado, mas pega o jovem soldado desprevenido.

Malcolm consegue nocauteá-lo. Arrastamos o soldado inconsciente para trás do veículo militar. Malcolm arranca do peito do homem um cartão de acesso e, em seguida, pega sua arma, só por precaução.

— Nunca se sabe — ele diz, segurando a arma sem muito jeito. A hesitação está estampada no seu rosto: ele não quer matar ninguém. Sei que está contando com que eu use bem meu Legado de modo que não precise fazer isso.

Nós entramos rastejando pela porta lateral. Malcolm passa o cartão pelo painel de acesso. Em um segundo, uma luz verde acende e a porta se destrava. Respiramos fundo e abrimos a porta.

É pior do que eu pensava. Um longo corredor se estende à nossa frente, conduzindo a uma pequena alcova com um balcão. Há pelo menos cinco soldados no local e outros seis ou sete militares. E todos eles se viram de uma só vez, nos vendo na mesma hora.

Um dos soldados grita:

— Estão entrando pelos dois lados!

Eles pensam que estamos com os invasores do complexo.

Não tenho tempo para pensar nisso. Provoco uma explosão bem à minha frente, destruindo o chão de concreto da entrada. E mais uma. E mais uma.

Soldados e trabalhadores perdem o equilíbrio ou são jogados contra as paredes, conforme adentramos o lugar em meio aos destroços.

Sei que estou causando dor e ferimentos; só posso me justificar imaginando que pelo menos estou evitando que sejam alvejados com uma arma. E, mais importante, estou protegendo Malcolm.

Damos a volta pelo canto da alcova e nos deparamos com mais três soldados. Libero outra onda sísmica e os arremesso contra a parede atrás deles com força, deixando-os sem ar, quebrando seus ossos.

No fundo, eu me assusto com que acabei de fazer, mesmo sentindo uma alegria bizarra com o poder que tenho. Não sabia que era capaz de uma força tão assombrosa.

Malcolm mergulha em direção à mesa caída, vasculhando tudo o que se espalhou pelo chão enquanto tenta manter o braço armado em riste. Ando em volta dele. Ele procura por um mapa do complexo ou algo que possa nos dar uma pista de onde está Sam, enquanto fico de olho nos soldados caídos, pronto para mandar pelos ares qualquer um que conseguir se levantar.

— Achei — diz, folheando uma enorme pasta. — Diretório do complexo.

— Ande logo — digo, ainda de olho nos soldados derrubados, os punhos erguidos.

Um soldado se levanta com dificuldade e se apoia na parede, sem fôlego. Nossos olhares se cruzam, enquanto sua mão vai em direção à arma que carrega.

Balanço a cabeça. *Não.*

Ele olha para mim, confuso e impotente.

Ele sabe do que sou capaz de fazer. Para o meu choque e espanto, ele levanta uma das mãos e com a outra arremessa a arma longe.

— Há um aglomerado de celas na Ala E, para o lado de cá — Malcolm diz, apontando em uma direção. — Mas também há outro na extremidade oposta.

Malcolm vira as páginas para frente e para trás. Ele está dividido, em dúvida sobre qual rumo tomar. Posso vê-lo começar a desmoronar, a perder a calma. Quanto mais perto chegamos de Sam, maiores são os riscos, maior é a chance de que um passo em falso acabe com tudo.

— Também há salas de interrogatório na Ala C. Ele pode estar lá. — Malcolm leva a mão à testa. — Ele pode estar em qualquer lugar.

Ao vê-lo à beira de um colapso nervoso, percebo o que tenho de fazer.

Dou um salto em direção ao soldado e o agarro pela gola. Ele solta um gemido.

— Estamos procurando um prisioneiro — digo. — Sam Goode. Onde ele está?

O soldado morde o lábio e fecha os olhos. Render-se é uma coisa, mas entregar informações a invasores vai além do que ele está disposto a fazer.

— Diga.

Continuo calmo, mas ele percebe a ameaça na minha voz. Ele continua em silêncio.

Libero um abalo sísmico bem debaixo dos nossos pés.

Ele prende a respiração.

— Fale — insisto. Aumento a força do tremor, e o concreto abaixo de nós se desmancha, vibrando, balançando e rachando sob os nossos pés. Mantenho a intensidade constante, mas é uma sensação desesperadora tanto para mim quanto para ele. — Fale agora, ou faça esse chão se levantar, nos engolir e nos arrastar direto para o inferno.

Ele solta outro gemido, e lágrimas escorrem por seu rosto.

Eu aumento a intensidade.

— Ala C! — ele grita, cedendo. — Ele está na Ala C! Foi levado para longe dos outros. É o único prisioneiro daquelas celas.

Eu o solto, e o soldado cai de joelhos, chorando.

Sei que o que acabei de fazer foi terrível: humilhar completamente um adversário que já havia se rendido. Mas não há tempo para sentir culpa.

Eu me volto para Malcolm.

— Ala C! — grito.

Aliviado, ele larga a pasta e corre até uma porta à nossa direita. Depois de dar mais uma olhada nos soldados derrubados, me junto a ele.

Entramos em outro longo corredor.

— Espere! — grito.

Viro para a porta por onde entramos. A última coisa de que precisamos é que

algun daqueles soldados nos siga e nos ataque novamente. Então, miro a porta e uso o meu Legado para derrubar a estrutura de pedra. Com um estrondo, a porta se desmorona em uma montanha de destroços.

Isso deve impedi-los.

Corremos pela passagem por uma distância que parece interminável. À medida que avançamos, o túnel fica mais estreito e escuro.

Enfim, chegamos a uma porta trancada. Ou o soldado cujo cartão roubamos não tinha acesso a esta área ou algum tipo de segurança foi ativada com a nossa invasão.

— Para trás — digo.

Uma ideia rapidamente se forma na minha cabeça.

Alcanço a terra no subsolo do complexo. Nunca foi necessário ter tanta precisão com meu Legado, e a concentração que isso requer vai me gerar uma dor de cabeça excruciante. Forço a terra para cima contra o batente da porta. O chão de pedra irrompe, e a porta de aço se desprende das dobradiças.

Não é a entrada ideal — temos que escalar os destroços e nos arrastar por baixo da porta parcialmente bloqueada —, mas funciona.

Passamos e ficamos de pé.

Estamos no arsenal da base, uma espécie de galpão cheio de contêineres e caixotes. A julgar pelos avisos de atenção gravados nos caixotes, eles contêm explosivos potentes. Jamais teria usado meu poder tão perto de explosivos se soubesse o que havia aqui. Tivemos sorte.

Malcolm agarra meu braço e me guia pelo arsenal. Chegamos a mais uma porta dupla. Malcolm tenta passar o cartão de acesso: dessa vez, funciona.

— Foi sorte — ele diz. — Aquele soldado deve ter acesso por um caminho diferente do que viemos.

Passamos pelas portas e adentramos uma imensa estrutura de diversos andares, semelhante a uma prisão, fria, bizarramente úmida.

Agora que sabemos que há outro acesso, sabemos que mais soldados virão em breve. Precisamos ser rápidos.

Corremos por fileiras e mais fileiras de celas vazias nos corredores e começamos a chamar pelo nome de Sam o mais alto que conseguimos.

Escuto algo, um ruído vindo de cima, da passarela no segundo andar.

Corro na frente de Malcolm, subo uma escadaria e percorro a passarela, passando por várias celas.

Até que chego à cela de Sam. Suas mãos agarram as grades da jaula e os olhos piscam com a luz vinda do complexo. Ele parece ter passado por um inferno.

Fico sem palavras.

— Quem é você? — ele pergunta, olhando para mim desconfiado e indo para o fundo da cela. — O que você quer?

Ele percebe. Sabe que sou um mogadoriano.

— Viemos ajudar — começo a dizer.

Mas não é necessário: Malcolm aparece atrás de mim e enfia as mãos entre as barras da cela em direção ao filho.

Sam olha para ele, sem palavras.

— Pai? — diz, incrédulo.

— Estou aqui, Sam. Eu voltei.

Não tenho nada a ver com esse reencontro: ele pertence a Sam e a Malcolm.

Devagar, afasto-me da cela. Sozinho mais uma vez.

É quando escuto algo que Malcolm e Sam estão muito distraídos para ouvir: o barulho da marcha de soldados.

Olho para fora por cima da passarela e vejo soldados brotando por inúmeras entradas obscuras, por todos os cantos do complexo.

E o pior: não são soldados humanos. São mogadorianos.

— Pessoal! — Interrompo os dois, cutucando o ombro de Malcolm. — Não estamos sozinhos.

Sem pensar, puxo Malcolm para longe das barras e grito para Sam:

— Vá para o centro da cela e cubra a cabeça!

Sam está confuso, desconfiado do que estou prestes a fazer, mas ele é esperto o bastante para saber que não temos tempo a perder com explicações e se encolhe rapidamente no centro da cela.

Enfio as mãos entre as barras e envio vibrações à parede do outro lado da cela. Encontro a parede, o chão, até que sinto toda a estrutura.

Então, faço o estrago.

A parede atrás de Sam desmorona, e o abalo sísmico abre uma fenda por entre as juntas. Mas toda a estrutura está conectada, e o impacto causa tremores no chão de concreto onde Sam está encolhido. O chão da cela irrompe em direção a passarela e o atinge com tanta força, que quase o destrói.

Sam rola para a frente, e Malcolm e eu somos arremessados com força contra o corrimão da passarela.

Os mogadorianos estão se aproximando.

Eu me viro para a cela e vejo a poeira começando a baixar. Agora há uma abertura na parede, por onde Sam pode passar para o outro lado.

— Vá! — grito. — Corra!

Sam se levanta, olha para mim e faz o que mando.

Eu olho em volta. O chão da cela está rachado, e as barras ficaram tão retorcidas que acho que podemos nos espremer por entre elas. Empurro Malcolm para a frente, mas ele tem dificuldade em passar.

Agora o enxame de mogadorianos já tomou conta do complexo — deve haver pelo menos trinta deles, e estão chegando mais, avançando pelas escadas em direção à passarela onde estamos. Temos trinta segundos, no máximo.

Malcolm finalmente consegue passar para dentro da cela, e então se vira para mim e grita:

— Rápido!

Olho para trás e vejo a horda mogadoriana se aproximando. Ao longe, em trajes de comandante, vejo Ivanick. A única pessoa neste mundo que temo tanto quanto meu pai.

O General disse que Ivan havia sido promovido, que estava trabalhando no sudoeste. E aqui está ele.

Meu sangue gela.

Piso nas barras, prestes a me espremer para passar. Então, paro.

— O que você está fazendo? — suplica Malcolm. — Adam?

Eu me dou conta de que não vou passar por aquelas barras. Se Malcolm e Sam têm alguma chance de escapar dos mogadorianos, alguém terá de segurá-los. Eles não vão parar de perseguir os dois, a menos que alguém os *faça* parar.

Além do mais, não quero mais fugir do meu próprio povo. Quero matar todos eles.

— Vá em frente — digo.

— O quê? Não, Adam.

— Vá com o seu filho. Agora.

Posso ver nos olhos de Malcolm, pelo horror que surge no seu rosto quando ele compreende o que estou dizendo, o quanto se importa comigo.

Mas também sei que ele tem uma responsabilidade maior com o filho do que comigo. Depois de hesitar por um segundo, ele se vira e desaparece pelo buraco na parede da cela.

Eu encaro os mogadorianos que se aproximam. Eles reduziram a velocidade, mas empunharam suas espadas. Chegam pelos dois lados da passarela, me cercando.

Examino o complexo. As escadas estão tomadas, o primeiro andar está repleto de mogadorianos e os dois acessos para o andar de baixo estão bloqueados.

Tenho duas escolhas: ser capturado ou morrer lutando.

Foco meu Legado no canto do aposento, atrás de um grupo de mogadorianos, e disparo.

O cômodo inteiro estremece, e a passarela se solta da parede, levando vários mogadorianos ao chão.

Eu me agarro à passarela o mais forte que consigo. Rodopiando para o outro lado da prisão, provooco outra explosão.

Dessa vez, quase caio da passarela quando as estruturas que a sustentam cedem completamente, e uma de suas extremidades despenca no meio da sala. Não há como voltar à cela agora. Estou estirado contra o corrimão, mas, ainda assim, a salvo.

O andar de baixo está apinhado de mogadorianos. Olho para os dois lados sob a passarela. Alguns soldados estão simplesmente lutando para se manterem na estrutura instável e rangente, mas os de punho firme continuam se

aproximando, deslizando como acrobatas pelo corrimão na minha direção. Chegando mais perto.

Eu poderia detonar a passarela mais uma vez para golpear os mogadorianos que ainda estão agarrados a ele, mas isso não me garantiria uma saída daqui em segurança.

Minha situação é tão desesperadora, que quase me faz rir.

— Adamus — escuto.

Olho para o chão, para a massa de mogadorianos, com todas as armas apontadas na minha direção. Entre eles está Ivanick, me encarando.

Sua expressão é fria, de escárnio. Nada em seu semblante indica que está surpreso em me encontrar aqui, nessas circunstâncias.

— Há quanto tempo não nos vemos — ele diz.

Sei que dei a Sam e Malcolm somente alguns minutos de vantagem sobre a escória mogadoriana, mas espero que ajude. Estou pronto para enfrentar seja lá o que vier no meu caminho.

— Você tem um poder e tanto, Adam. É impressionante. Tenho certeza de que o Dr. Zakos e outros cientistas mogadorianos vão adorar estudá-lo, aprender mais sobre a sua habilidade. Se você se render agora, talvez possamos chegar a um acordo. Você pode ser cobaia de testes ou coisa do tipo. Sei como gosta disso. — É estranho ver Ivanick promovido a uma posição de liderança. Ele não tem inteligência para isso. Mas inteligência nunca contou muito entre os mogadorianos. — Quer dizer — ele continua, deixando escapar uma risadinha —, é claro que ainda teremos que matar você depois que terminarmos.

Eu me agarro às barras. Os mogadorianos deslizam para mais perto, apenas aguardando a ordem para me matar.

— Você negocia muito mal — digo.

Ivan ri.

— Bem, o que mais você pretende fazer? — pergunta. — Pelo que estou vendo, não restam muitas opções. Chegamos ao ponto em que ou você se rende ou morre.

Até parece que vou me deixar capturar.

Vou morrer lutando.

Olho para a parede perpendicular à passarela parcialmente caída. O arsenal ainda está lá atrás. Tenho uma ideia.

— Acho que não é bem assim, Ivan — digo.

Vou avançando mentalmente: cem metros, duzentos metros, trezentos metros. Então, paro.

Ceguei.

Vejo Ivan olhando para mim. Seu rosto, em vez de escárnio, expressa agora um medo desconfiado. Não há como saber exatamente o que estou prestes a fazer, mas ele me conhece o suficiente para adivinhar: vou mandar todos nós pelos ares.

— É isso mesmo — digo. — O arsenal.

— Sem chances — ele responde. — Você não teria coragem. Você é Adamus. Filho do grande general Andrakkus Sutekh. Não pode matar nem mesmo um de nós, muito menos todos.

Eu sorrio para ele. *Então olhe bem.*

Libero mais um abalo sísmico, focando o chão bem debaixo do arsenal.

Um segundo depois do impulso deixar o meu corpo, minha energia desencadeia uma explosão gigantesca.

Há um estrondo ensurdecedor, aço e concreto voam.

Por toda a minha volta, corpos mogadorianos são perfurados com estilhaços.

Tudo começa a desmoronar ao meu redor. A passarela cai, saio voando e atinjo o chão com tanta força que quase desmaio.

Um zumbido ressoa nos meus ouvidos, a poeira quase me cega. Levanto a cabeça e vejo concreto voando, derrubando mogadoriano atrás de mogadoriano. Tudo está desabando sobre as nossas cabeças.

No chão, perto da passarela caída, vejo Ivanick, a cabeça quase separada do corpo por uma haste de aço. Morto.

Ouçõ gritos de mogadorianos por todos os lados.

Para minha própria surpresa, eu *gosto* desse som.

Algo pesado cai sobre o meu ombro. Minha cabeça bate no chão, e eu fico preso. Não consigo me mexer. Estou atordoado demais para saber se foi um ferimento pequeno ou um golpe fatal.

Por que se preocupar agora?, penso. *Tem muito mais de onde veio esse.*

De fato, tem muito mais: o concreto continua desabando ao meu redor.

À medida que a estrutura inteira cede e desaba sobre nós, percebo que perderei a consciência dentro de alguns instantes. Mas não sinto medo.

Sobrevivi à queda da ravina. Sobrevivi à implosão de Ashwood Estates. E na ocasião sequer estava consciente, Malcolm disse que algo nos impediu de ser esmagados, que foi como se uma força maior nos protegesse enquanto o mundo desabava ao nosso redor.

A terceira vez é a que dá sorte.

Pode ser o cansaço, pode ser um delírio, mas me sinto dominado pela certeza doce e profunda de que meu destino é sobreviver. De que meu verdadeiro propósito se encontra em algum lugar além dessas paredes desabando, em algum momento além deste momento frenético. De que o melhor de mim ainda está por vir.

Eu vou sobreviver.

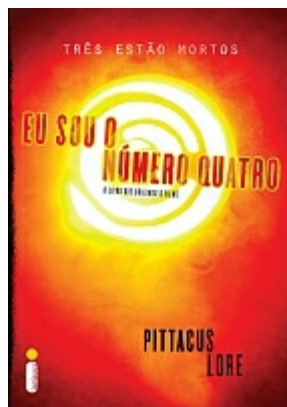
Sobre o autor



Pittacus Lore é o Ancião a quem foi confiada a história dos nove loriens. Passou os últimos doze anos na Terra, preparando-se para a guerra que decidirá o destino do planeta. Seu paradeiro é desconhecido.

Conheça os livros da série

OS LEGADOS DE LORIEN



Eu sou o Número Quatro



O poder dos seis



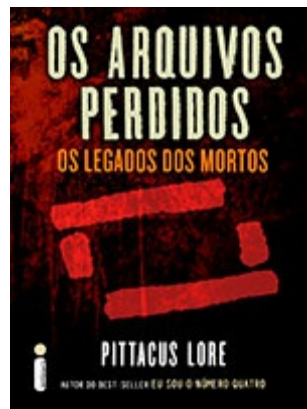
A ascensão dos nove



Os arquivos perdidos:
Os Legados
da Número Seis



Os arquivos perdidos:
Os Legados
do Número Nove



Os arquivos perdidos:
Os Legados
dos mortos